


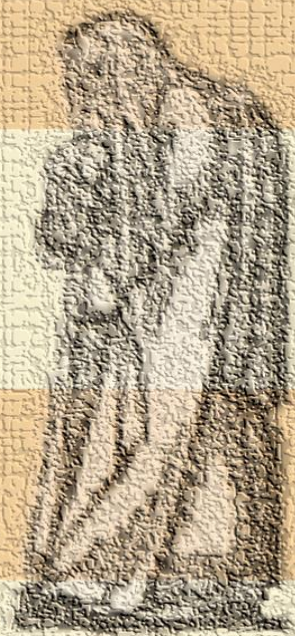


Curiosas X Recatadas em Gil
Vicente

as mulheres e sua educação
na época tardo-medieval



Renata de Jesus Aragão Mendes



Capa

Trabalho de Renata Mendes com imagem de Gil Vicente (Victo Couto) e do frontispício da Farsa de Inês Pereira

Pesquisa iconográfica e texto

Renata Mendes

Diagramação

Renata Mendes

Pesquisa Iconográfica e Imagens

Renata Mendes

Revisão

Prof.^a Dr.^a Adriana Maria de Sousa Zierer

Este paradidático foi elaborado como produto educacional do Mestrado Profissional em História/PPGHIST da Universidade Estadual do Maranhão/UEMA, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Adriana Maria de Souza Zierer. A pesquisa na qual se desenvolveu este material foi financiada pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação/PPG-UEMA.



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO



Mendes, Renata de Jesus Aragão.

Curiosas x Recatadas em Gil Vicente: as mulheres e sua educação na época tardo-medieval / Renata de Jesus Aragão Mendes. – São Luís, 2021.

66 f.

Produto Educacional da Dissertação - Modelos e contramodelos educativos femininos no teatro de Gil Vicente: potencialidades da Literatura na discussão de gênero no ensino de História Medieval

Orientação da Profa. Dra. Adriana Maria de Souza Zierer.

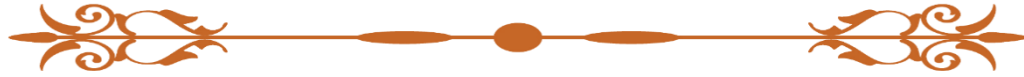
1. Ensino de História. 2. Gênero. 3. Educação feminina. 4. Gil Vicente. 5. Paradidático. I. Título.

CDU 37-055.2:821.134.3-2(075)

Elaborada por Lausa Sousa Barros - CRB 13/657

“Seja sol através de seu aprendizado. Seja lua através de sua adaptabilidade. Seja vento através de sua direção rigorosa. Seja ar através de sua suavidade. Seja fogo através da beleza de seu ensino.”

Hildegard Von Bingen



Caro (a) estudante, entre em cena!

Convidamos você a partir deste momento a entrar em cena e conhecer um pouco mais sobre as mulheres medievais, sua educação e diversos outros pontos fundamentais deste período, por meio de peças de um teatrólogo português: Gil Vicente. Você já ouviu falar sobre ele em alguma aula de História ou de Literatura portuguesa? Já teve contato com alguma de suas peças? Se sim, o que lhe chamou atenção? Identificou alguma personagem feminina?

Neste paradidático, daremos destaque a forte presença das mulheres em suas peças, de forma a aprofundar seus conhecimentos sobre temas que estavam no centro da sociedade ocidental cristã, como a educação feminina, o casamento, a família etc. Sim, você verá como é possível aprender História por meio de uma obra teatral produzida no século XVI. Isso mesmo! Existe várias fontes utilizadas pelos (as) historiadores (as) que possibilitam a compreensão sobre a participação feminina no desenvolvimento da História. E, as peças teatrais de Gil Vicente, são apenas uma das quais iremos explorar!

Você já ouviu falar sobre as mulheres medievais? Qual imagem vem a sua cabeça quando ouve falar sobre elas: submissas? Rebeldes? Boas? Más? De qual posição social: nobres, camponesas, burguesas? Quais espaços frequentavam: a casa? A rua? O campo? A cidade? Sabiam ler e escrever? Sua educação era diferente ou igual a dos homens? Enfim... saberia estabelecer alguma relação com as mulheres atualmente? Ou, em sua concepção, isso ficou num passado muito distante? Este material busca lhe apresentar uma imagem mais dinâmica e atuante das mulheres portuguesas em finais da Idade Média, como resistiram às normas impostas e como se mobilizavam para conseguir seus objetivos.

Ao longo do paradidático, você entrará em contato com alguns das imagens construídas sobre as mulheres no período final desses mais de dez séculos riquíssimos que foram a Idade Média. O que, certamente, lhe possibilitará responder seus questionamentos e levantar muitos outros. Mas, para isso, te convidamos a conhecer o interessante e divertido mundo das personagens femininas criadas por Gil Vicente.

A Autora



CONHECENDO SEU PARADIDÁTICO

Seu paradidático está dividido da seguinte forma:

Uma introdução, em que o (a) estudante terá um breve contato sobre a repercussão de temas medievais em textos literários, como as peças de Gil Vicente. Da mesma forma, perceberá como é possível conhecer sobre as mulheres medievais a partir da produção deste autor. Três capítulos sobre os conteúdos relativos à temática abordada.

Veja a seguir as seções que você encontrará ao longo dos capítulos para ampliar seu conhecimento sobre o tema.

APRENDENDO COM NOVAS LINGUAGENS: traz novas fontes de conhecimento, para compreensão dos temas trabalhados, como os HQs, filmes, podcasts, novelas e livros de literatura.

MULHERES FAZENDO HISTÓRIA: nesta seção, você encontrará personagens femininas da Idade Média que fizeram História em sua época.

EXPLORE UM POUCO MAIS! Incita a pesquisa em sites e outras mídias, para aprofundamento de alguns conteúdos que não discutidos no material.

DE OLHO NO DOCUMENTO! nesta seção, você terá contato com alguns trechos das peças do Gil Vicente.

MOMENTO DE REFLEXÃO! Propõe a aplicação dos conhecimentos estudados ao final dos capítulos.

TÃO PERTO DE VOCÊ: propõe um olhar mais atento para questões de seu cotidiano.

DIALOGANDO COM... Propõe o diálogo interdisciplinar com disciplinas como Língua Portuguesa e Artes.

HISTORICIZANDO: nesta seção, você terá contato com a forma como os (as) historiadores (as) contextualizam os conteúdos abordados.

LENDO IMAGENS: Propõe a leitura e análise de imagens sobre as mulheres medievais.

GLOSSÁRIO: traz o significado de algumas palavras e conceitos utilizados ao longo de seu paradidático.

VOCÊ SABIA? Apresenta curiosidades sobre questões referidas ao longo dos capítulos.

BEM VINDO (A) AO ESPETÁCULO!.....7



GIL VICENTE E A SOCIEDADE PORTUGUESA DOS 1500: VISÕES DE MUNDO DE UM HOMEM MEDIEVAL 8

Gil Vicente em suas aulas de História: suas peças como fontes de conhecimento.....9

Gil Vicente, o teatro português e a literatura de cordel em ação!.....10

Gil Vicente e suas visões de mundo.....16



GÊNERO, EDUCAÇÃO E INTELLECTUALIDADE FEMININA NA IDADE MÉDIA 21

As mulheres na Idade Média: passivas ou ativas?23

Mulheres, educação e casamento na Idade Média..... 31

As intelectuais na Idade Média: conhecimento que liberta e incomoda.....36



EDUCADAS PARA CASAR: O CASAMENTO E A CASA NAS PEÇAS DE GIL VICENTE 43

Recatadas, obedientes e prendadas..... 44

Prendas para quê? as curiosas e audaciosas..... 49

Para quê casar? as que resistiam ao casamento..... 58

FIM DE CENA!63

REFERÊNCIAS.....64

BEM-VINDO (A) AO ESPETÁCULO!

Ao longo da Idade Média, textos literários diversos se dedicaram a tratar sobre os comportamentos esperados dos cavaleiros, donzelas, damas, reis, rainhas, santos (as) etc. Em finais da Idade Média (XV-XVI), outros textos passaram a registrar as mudanças culturais neste período, principalmente nos comportamentos. O teatro popular teve grande destaque, sobretudo na Península Ibérica. Foi marcado pelas referências aos temas religiosos, como a Paixão de Cristo e o Natal, mas também aos temas profanos, com ênfase em questões do cotidiano, as quais focavam os defeitos sociais. Nesse período, em Portugal, destacou-se o teatrólogo Gil Vicente com suas representações críticas e divertidas, encenadas na Corte. Suas peças escritas deixaram registrado um retrato bastante diversificado sobre homens e mulheres de sua época e suas atividades profissionais.

Por meio delas, é possível compreender diversos elementos sobre a sociedade de fins da Idade Média, como o aprofundamento da crise dos valores morais da época, novas regras de conduta e sobre a educação feminina, tema o qual este paradidático se dedica. Este material didático tem como objetivo apresentar uma releitura sobre as mulheres medievais, apontando como não podem ser definidas apenas pelos espaços ou pelos papéis que lhe foram determinados.

Na verdade, o intuito é levar a percepção sobre uma imagem mais diversificada das mulheres medievais e como atuaram em diferentes áreas do conhecimento, contribuindo também no desenvolvimento cultural da época. Isso quer dizer que, tanto quanto os homens, as mulheres contribuíram e contribuem na construção da História. Em toda e qualquer época, existiram mulheres que questionaram os padrões impostos, atuando para não serem enquadradas enquanto passivas. As mulheres medievais, por exemplo, mesmo vivendo séculos de **misoginia**, também agiram, reagiram e resistiram. Desta forma, buscamos conectar o passado medieval ao seu presente.



Misoginia: Na Idade Média, significava o preconceito, em forma de ódio e repulsa, a tudo que se referia ao sexo feminino ou que a ele era associado;

CAPÍTULO



GIL VICENTE E A SOCIEDADE PORTUGUESA DOS 1500: visões de mundo de um homem medieval



Gil Vicente em suas aulas de História: suas peças como fontes de conhecimento

Você certamente deve se perguntar o que a obra de um autor de peças de ficção poderia contribuir no seu aprendizado sobre as mulheres e sua educação no período tardo-medieval. Talvez, a sua dúvida ocorra pelo simples fato de você ter aprendido que a História “verdadeira” se faz a partir de fontes oficiais, obtidas nos arquivos. Neste caso, como poderia uma obra de literatura te ensinar História, não é mesmo?

Mas, você precisa saber que a **historiografia** tem ampliado a definição do que são as **fontes históricas**. O que significa dizer que a História não se resume mais aos feitos dos grandes homens, registrados nos documentos oficiais. Contudo, isso não quer dizer que os atos de reis, presidentes, prefeitos e outras personalidades políticas não foram significativos. Simplesmente, afirma-se que existem outras histórias e versões que precisam ser consideradas.

Outros **sujeitos históricos**, homens e mulheres, atuaram e atuam na construção da História. E, mais, outros sujeitos deixaram escritos ou não, memórias, relatos e textos – repletos de intencionalidades –, que dizem muito sobre as visões e valores de uma época. Ou seja, todos (as) nós, independentemente do **gênero**, classe social, raça, etnia, religião, orientação sexual ou nacionalidade, fazemos História.

Dessa forma, caro (a) leitor (a), é possível aprender História por meio de documentos escritos, imagéticos, visuais, audiovisuais, vestígios arqueológicos e, até mesmo, **fontes orais**.

Tão perto de você!

Em todo lugar, existe ou existiu alguém que deixou suas memórias, seus registros escritos em algum tipo de literatura. Pesquise sobre algum autor ou autora de seu Estado ou município que se destacou na produção de algum **gênero literário**. Se informe sobre os temas trabalhados.

G

Historiografia: é o campo de saber especializado na escrita e produção de conhecimento histórico.

Fontes históricas: são todas as produções procedidas da ação de homens e mulheres, que fornecem uma compreensão sobre o passado e possibilitam estabelecer relação com o presente.

Sujeitos históricos: somos todos nós que ajudamos, direta ou indiretamente, na construção da História.

Gênero: é uma categoria conceitual que serve para pensar a construção cultural dos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres, com base na distinção entre os sexos.

Gênero literário: é uma categoria que classifica as diferentes composições literárias de acordo com a construção do texto e do contexto ao qual se refere. Dividem-se em subgrupos, como o romance, a poesia, a tragédia, a comédia etc.

Fontes orais: São fontes que privilegiam as versões e histórias de vida (testemunhos) de outros sujeitos, a partir de entrevistas, lendas, cantigas etc.

Da mesma forma que os jornais, cartas, biografias, revistas, diários, filmes, séries, documentários e outros, as obras de literatura, quando contextualizadas de forma apropriada, possibilitam o acesso a novas leituras sobre uma dada sociedade. Embora uma obra literária não tenha compromisso com a realidade, foi elaborada em determinado contexto, o que permite ao historiador refletir sobre outras formas de se pensar e agir em uma dada época.

Nesse caso, quando estudamos, atentamente, as peças de Gil Vicente, conseguimos nos aproximar de uma outra percepção da sociedade portuguesa de fins da Idade Média. Com isso, é possível perceber formas de pensar e agir que ainda continuavam coexistindo com as mudanças de comportamento, por exemplo. Podemos também encontrar a finalidade didática de suas peças. Pois, como dissemos, todo texto é repleto de intenções. Pois então, vamos conhecer mais um pouco sobre este autor e suas concepções de mundo?

HISTORICIZANDO

Leia o que diz a historiadora Sandra Pesavento sobre a literatura.

“(…) Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Ela representa o real, ela é fonte para leitura do imaginário. Porque se fala disto e não daquilo em um texto? O que é recorrente em uma época, que escandaliza, o que emociona, o que é aceito socialmente e o que é condenado ou proibido? Para além das disposições legais ou de códigos de etiquetas de uma sociedade, é a literatura que fornece os indícios para pensar como e por que as pessoas agiam desta e daquela forma”.

PESAVANTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. – 2 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 82-83.

Leitura e compreensão do texto

1. De acordo com a autora, por que a literatura é importante enquanto fonte histórica?



Gil Vicente, o teatro português e a literatura de cordel em ação!

Você já ouviu falar sobre Gil Vicente em alguma aula de História? O conteúdo sobre o Humanismo lhe faz recordar este nome? Porém, é possível que seu contato com este autor esteja se dando exatamente agora. Mas, não se preocupe, essa é a oportunidade de você conhecer mais sobre este importante autor de teatro português, e como suas visões de sociedade revelavam as mudanças que estavam acontecendo na sociedade em que vivia. É comum a menção ao nome de Gil Vicente vir atrelada ao conteúdo sobre o Humanismo. Afinal, toda a sua obra foi produzida nesse contexto, marcado pelo Renascimento, que assim ficou conhecido pelo desenvolvimento das atividades comerciais, industriais e das cidades.

O humanismo foi um movimento cultural, marcado por características distintas em diferentes regiões da Europa. Isso quer dizer que o humanismo italiano não se deu do mesmo jeito e na mesma época que o humanismo português, por exemplo. Mas, de forma geral, esse movimento ficou caracterizado pelo desenvolvimento da cultura literária, por meio da tradução e leitura dos clássicos greco-latinos. Foi também um movimento intelectual, que buscou valorizar as capacidades humanas para criar e construir novos ideais sobre o mundo e a sociedade em que viviam. Muitos humanistas, como ficaram conhecidos muito tempo depois os impulsionadores deste movimento, passaram a colocar o homem no centro de todas as coisas, o que ficou conhecido como **antropocentrismo**.



Antropocentrismo: corrente de pensamento que colocava o homem no centro de todas as coisas.

Mecenato: prática de incentivo à produção artística, por meio do patrocínio dos artistas e suas obras.

Uma das características desse movimento literário em Portugal foi o **mecenato**, principalmente através de figuras régias, que patrocinavam e financiavam a carreira de artistas, tais quais Gil Vicente. Este teatrólogo recebeu primeiramente o incentivo da Rainha Dona Leonor e, por influência dela, continuou sendo protegido, durante toda sua carreira teatral, pelos reis humanistas D. Manuel I (1495-1521) e seu filho D. João III (1521-1556).

Mulheres fazendo História



Miniatura. Breviário de Dona Leonor de Portugal, c. 1500. Biblioteca e museu Morgan (MS. M.52 f. 1v).

Rainha Dona Leonor de Lencastre (1458-1525) foi uma das principais patrocinadoras das artes e da cultura literária em Portugal. Por ser bastante devota, mandou imprimir diversas obras de cunho religioso e moral. No campo político, foi regente do reino por três vezes, com as ausências dos reis D. João II, seu marido, e D. Manuel I, seu irmão. Durante as regências ajudou a fundar diversas obras de assistência social. Sua maior participação nessa área foi a fundação da Santa Casa de Misericórdia de Lisboa. Por isso, ficou conhecida como “Rainha das Misericórdias”. Também influenciou na construção de conventos, hospitais etc. Foi graças a ela que seu irmão, D. Manuel I, subiu ao trono de Portugal, em 1521.

Pouco se sabe sobre a biografia de Gil Vicente. Mas, acredita-se que tenha nascido em Guimarães, Portugal, entre 1465-1470. Sua morte, se deu, provavelmente, na cidade portuguesa de Évora, em 1536, quando escreveu sua última obra, *Floresta de Enganos*. Mesmo diante de tantas incertezas, este autor ficou conhecido como uma das figuras mais importantes do teatro português e da própria literatura portuguesa, de forma geral. O que quer dizer que, o entendimento da História de Portugal em princípios do século XVI, não se dá sem a devida referência a sua obra teatral, ainda mais pela diversidade de temas que abordou em suas peças.

Gil Vicente escreveu mais de 40 **autos**, tanto em espanhol como em português. Suas peças foram divididas em **moralidades**, **farsas** e **comédias**.



Autos: forma literária que significa ação. Se origina do verbo latino *agĕre* (fazer, agir).

Moralidades: peças com intuito moralizante, com fundo religioso e profano, que buscavam refletir sobre posturas sociais.

Farsas: peças satíricas que buscam criticar os maus costumes a partir do riso.

Comédias: peças que apresentam figuras alegóricas e romanescas.

Aprendendo com novas linguagens ...CINEMA

Gil Vicente: vida e obra

Organização: série RTP, Portugal, 2014, 8 min.

Aponte a câmera do seu celular para o QR Code e assista um breve documentário sobre Gil Vicente. Ele conta com a participação de autores portugueses renomados sobre a vida e obra do teatrólogo, como José Augusto Bernardes, José Camões e Maria João Brilhante.

Aponte a câmera para o QR Code

Em 1502, começou a sua carreira teatral na corte. É dessa data a encenação da sua peça chamada *Auto da Visitação* ou *Monólogo do Vaqueiro*, representada por ele em homenagem ao nascimento do príncipe D. João III, filho do rei D. Manuel com a rainha D. Maria (1482-1517). Isso quer dizer, caro (a) leitor (a), que, toda a atividade vicentina foi realizada em função dos reis a quem serviu, dos quais recebeu prêmios e mercês financeiras.



Quadro *Monólogo do Vaqueiro*, pintado pelo português Alfredo Roque Gameiro (1864-1935), retratando como teria sido a encenação da primeira peça vicentina.

Gil Vicente atuou como autor, ator, músico, organizador de espetáculos etc. A maioria de suas peças foram encomendadas pelos monarcas para celebração de acontecimentos importantes na corte, como casamentos e nascimentos de reis. Mas, muitas de suas peças foram representadas para celebrar festas de Natal e Páscoa. A admiração e prestígio por esse poeta na corte só cresceu, a ponto de mais tarde, em 1562, a rainha D. Catarina, esposa de D. João III, ter mandado imprimir grande parte de suas peças em um único e volumoso livro, intitulado a *Copilaçam de Todas as Obras de Gil Vicente*. Esta grandiosa obra foi organizada por um dos filhos do autor, Luís Vicente.



Frontispício da 1ª edição da *Copilaçam de Todas as Obras de Gil Vicente*, de 1562.

Com o advento da imprensa, a partir de 1450, tornou-se possível a publicação de livros em forma impressa, o que não quer dizer que todos tinham condições de imprimir seus livros ou mesmo de comprar. Afinal, o livro era um objeto caro e nem todos tinham acesso a ele. Aliás, ainda que a carreira teatral de Gil Vicente tenha tido patrocínio régio, por 34 anos, as suas peças foram impressas, inicialmente, de forma avulsa, em folhas volantes ou **folhetos de cordel**.



Folhetos de cordel: pequenos livretos, de até 48 páginas, que possuíam material de má qualidade, vendidos pendurados em cordel por vendedores ambulantes.

Literatura de cordel: conjunto de histórias populares, escritas em verso ou prosa, que narram episódios de romance, aventuras etc.

VOCÊ
SABIA ?

Existem ainda hoje exemplares de alguns dos folhetos vicentinos: *Auto da Barca do Inferno* (1517), *Pranto de Maria Parda* (1522), *Farsa de Inês Pereira* (1523), *D. Duardos* (1523), *Amadis de Gaula* (1523), *Auto dos Físicos* (1524?), *Clérigo da Beira* (1529(?) 1530?) e *Auto da Lusitânia* (1532).

Esses folhetos de cordel, estruturados em versos, eram um meio de tornar suas peças mais populares e acessíveis a um número maior de pessoas. Esse tipo de literatura popular fez bastante sucesso em Portugal no século XVI e nos séculos seguintes, inclusive no Brasil, ficando mais conhecido como **literatura de cordel**. Já tinha ouvido falar?

HISTORICIZANDO

A historiadora Júlia Constança Camelo explica sobre a Literatura de cordel no Brasil, dizendo que:

Embora tenham chegado a diversas regiões da colônia portuguesa, foi no nordeste brasileiro que teve maior repercussão, e ainda tem nos dias atuais. “Os primeiros cordéis do Nordeste traziam as histórias já famosas no Ciclo Carolíngio, com narrativas sobre Carlos Magno e outras figuras de reis, rainhas, princesas, santos, dragões, Pedro Malazarte, João Grilo e tantos outros. (...) muitas das personagens (...) mantêm os mesmos títulos das personalidades da realidade europeia, mas suas características são as dos senhores de engenho dos sertões, dos empregados e trabalhadores rurais, retratando, assim, a realidade nordestina, a divisão social, a miséria, a exploração”.

CAMELO, Júlia Constança Pereira. *O Cordel e o Migrante nordestino: companheiros de viagem*. – São Luís, Café & Lápis; Editora UEMA, 2014, p. 27.

Leitura e compreensão do texto

1. Os cordéis chegaram a todas as regiões do Brasil. Mas, em qual teve maior repercussão?
2. De acordo com a autora, os cordéis herdaram alguns temas do contexto medieval português. Quais foram eles? Que características específicas os personagens do cordel nordestino possuíam?
3. Você já tinha ouvido falar ou leu algumas dessas histórias de cordel? Se sim, comente sobre ele (eles) com os seus colegas.
4. Você já fez ou conhece alguém que faz?



Cordel Encantado

Direção: Duca Rachid e Thelma Guedes, Brasil/2011.

Essa telenovela brasileira trouxe diversos temas que pairavam o imaginário do povo nordestino: a figura dos cangaceiros, o desmando dos coronéis, a pobreza do povo sertanejo, a fé católica e figuras encantadas como os reis, rainhas e princesas.

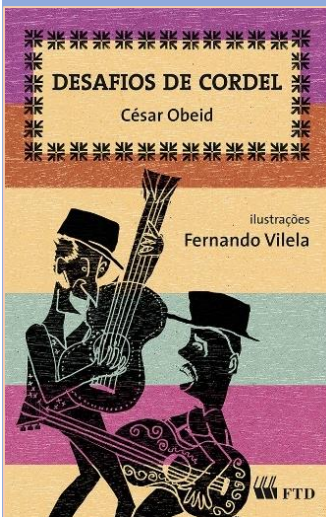


Explore um pouco mais!

Quer aprender mais sobre a literatura de cordel? Acesse o site da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Aponte sua câmera para o código abaixo:



Aprendendo com novas linguagens: LITERATURA



Na obra *Desafios de Cordel*, o autor explica sobre o cordel e suas modalidades, na própria linguagem do cordel, que são os versos rimados. Além de contar com linguagem bastante humorada, contém ilustrações em **xilogravura** que facilitam a compreensão do leitor sobre a estrutura desse texto. Ademais, apresenta desafios de cordel, dando espaço para a imaginação e criatividade do público-leitor.

OBEID, César. *Desafios de Cordel*. São Paulo: FTD Editora, 2018.



Xilogravura: é uma técnica que permite fazer gravuras em relevo sobre madeira. É usada pelos cordelistas em seus folhetos ou livretos.

No século XX, Ariano Suassuna, um importante escritor paraibano, se inspirou no teatro de cordel vicentino. Esse dramaturgo abordou temas próximos ao teatro de Gil Vicente e ao próprio Cristianismo medieval: a luta da alma pela salvação e a intervenção da Virgem Maria, tanto em vida quanto após a morte. Ambos os autores partiam de uma concepção maniqueísta, ou seja, colocavam em oposição os personagens a partir da noção de bem X mal, diabos X anjos, corruptos X honestos etc.



1. Tanto Ariano Suassuna quanto Gil Vicente colocavam em oposição o bem e o mal. Na sua opinião, a nossa sociedade pode ser considerada maniqueísta? Explique.
2. Quais temas sobre a religiosidade medieval são possíveis identificar nas obras dos dois autores?

Dialogando com... LITERATURA

Literatura brasileira inspirada no teatro vicentino e no auto medieval: Ariano Suassuna e João Melo Neto

Os temas que Gil Vicente abordava não ficaram no século XVI. Dois importantes poetas da literatura brasileira se inspiraram em seus autos: Ariano Vilar Suassuna (1927-2014) e João Cabral de Melo Neto (1920-1999).

Auto da Compadecida (1995), de Ariano Suassuna

Essa comédia utiliza-se de elementos do teatro popular, como a crítica à ambição por parte de poderosos, entre eles os próprios religiosos. Como no teatro de Gil Vicente, há o julgamento das almas, presente em sua famosa obra: *Auto da Barca do Inferno* (1517). Foi inspirada ainda em dois cordéis de Leandro Gomes de Barros: *O Dinheiro* e *História do Cavalo que defecava Dinheiro* (também de Leandro Barros); *O Castigo da Soberba*, de Anselmo Vieira de Souza, *A Peleja da Alma*, de Silvino Pirauá de Lima e *As Proezas de João Grilo*, de João Ferreira de Lima.



Morte e Vida Severina: auto de Natal pernambuco

(1955), de João Melo Neto
A obra é uma poesia que atualiza temas medievais, comuns ao teatro de Gil Vicente, como a morte (*Auto da Barca do Inferno*) e a peregrinação (*Auto da Alma* -1518).



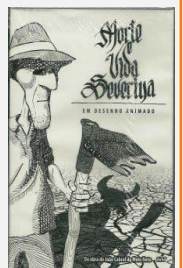
O Auto da Compadecida (filme)

O filme teve sua história baseada em três peças teatrais de Ariano Suassuna, com maior destaque para o *Auto da Compadecida* (1955). As outras duas foram: *O Santo e a Porca* e *Torturas de um Coração*. Além disso, inspirou-se em uma famosa obra medieval: *Decameron*, de Giovanni Boccaccio. Em 1999, uma minissérie com o mesmo nome já havia sido exibida pela TV Globo.



Morte e vida Severina (quadrinhos)

Nesta versão em desenho animado da obra *Morte e vida Severina*, o cartunista Miguel Falcão retrata a história de Severino, o migrante nordestino que busca melhores condições de vida na cidade, mas, que em sua difícil peregrinação, se vê diante da morte. Contudo, nunca deixa de ter fé que vai conseguir seus objetivos.



Morte e vida Severina

Autor:
Miguel Falcão, 2010,

Aponte para o QR Code para ter acesso a animação em 3D



a) Você já tinha ouvido falar nestes autores? Leu alguma de suas obras? Se sim, quais?

b) Você já assistiu *O Auto da Compadecida*? Se sim, fale mais sobre a função dos principais personagens do filme.

c) Os dois autores trabalham com um elemento medieval, que também fazia parte do teatro de Gil Vicente. Identifique-o no texto e se informe mais sobre ele.

d) Qual o gênero literário de cada uma das obras. Explique mais sobre eles.

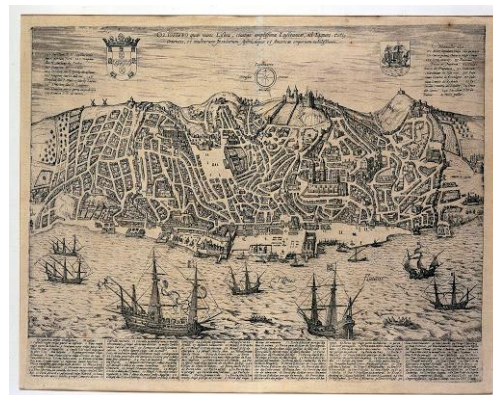
G

Peregrinação: jornada espiritual realizada por um devoto, até um destino considerado sagrado.



Gil Vicente e suas visões de mundo

Gil Vicente viveu entre dois séculos bastante agitados. Do reinado de Afonso V (1438-1481) ao de D. João III, a Europa e, particularmente, Portugal, passaram por transformações significativas, não apenas na cultura, mas também na política e religião, que foram sentidas na forma como o autor representava seus autos. À época, o próprio Portugal vivia a Expansão Marítima, que levou ao estabelecimento do império colonial português, propiciando cada vez mais a centralização do poder político e econômico nas mãos dos reis. Em 1498, Vasco da Gama chegou a Calicute, na costa ocidental da Índia. Em 1500, houve a conquista do Brasil por Pedro Álvares Cabral.



Gravura. *Vista de Lisboa no século XVI*. [Georgio Braúnio Agrippinate], Franz Hogenberg, 1598.

Gil Vicente acompanhou como o cheiro da canela, ou seja, a cobiça por ouro e outras riquezas – propiciada pelas expedições marítimas – movia cada vez mais os sonhos dos portugueses, tanto daqueles que tinham boa condição social quanto dos desprovidos de riquezas. Muito deles encontravam nas viagens um meio de melhorar de vida, como conta o autor em sua peça *Auto da Índia* (1509). Esta primeira peça do autor foi inspirada na chegada da **armada** de Tristão de Cunha, que partiu em 1506.

Gil Vicente não era contra a Expansão. Afinal, apoiava a política expansionista dos reis D. Manuel I e D. João III. Mas, o autor era um astuto e crítico observador. A forte religiosidade cristã o fazia registrar uma sociedade em decadência moral, porque havia dado lugar aos bens materiais ao invés dos espirituais. Entre as posturas viciosas, o autor criticava severamente a injustiça, a mentira, a falta de fé e o temor a Deus, o adultério, o orgulho, a ambição social, a cobiça e o culto das aparências, ou seja, aparentar ser o que não era e possuir ter o que não tinha.

Com o constante desenvolvimento da atividade comercial e outros melhoramentos técnicos – que foram transformando as relações sociais em volta das cidades –, o trabalho no campo ficou em segundo plano. Isso porque muitos buscaram nas cidades melhores condições de vida.

Nesse contexto, uma outra forma para conseguir ascender foi a aproximação com o **Paço**, que, na época, era o meio mais fácil para chegar ao rei e conseguir cargos e **mercês**. Gil Vicente não via com bons olhos esse quadro de mudanças. Pois, todos, fossem mercadores, alfaiates, sapateiros, frades, escudeiros, juízes, procuradores etc., buscavam o enriquecimento a qualquer custo. Para o autor, a ambição por uma posição social melhor levaria ao desconcerto de toda a sociedade. Se um camponês queria ser clérigo quem iria trabalhar nos campos ou exercer os ofícios manuais?



Explore um pouco mais!

Agora é a sua vez! Faça uma pesquisa em livros, internet e outros meios sobre a Expansão Marítima e os impactos políticos, econômicos e culturais causados pelas Grandes Navegações.



Armada: neste caso, se refere a frota de navios comandada por Tristão de Cunha.

Paço: casa senhorial onde o rei residia.

Mercês: concessão de benefícios, cargos etc.



DE OLHO NO DOCUMENTO!

Na farsa *Auto da Lusitânia* (1532), representada ao rei D. João III, o autor posicionou-se contra aquilo que considerava uma sociedade em decadência. Em determinada passagem da peça, surgem os personagens “Todo o Mundo” (rico mercador) e “Ninguém” (pobre), criados propositalmente para fazer a sociedade refletir sobre seus comportamentos e costumes. O diálogo entre os personagens é traduzido pelos diabos Berzabu e Dinato, que registram o contraste entre o ideal de sociedade que Gil Vicente queria e o que ele representa enquanto realidade. Essa passagem da obra é tão interessante que o poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade a adaptou para uma versão mais moderna, mas não menos crítica. Leia com atenção os dois textos abaixo:

FRAGMENTO 1

Auto da Lusitânia

Ninguém: (...) Me diz teu nome primeiro.

Todo Mundo: Eu me chamo Todo Mundo
e passo o dia e ano inteiro
atrás de dinheiro, seja limpo ou seja imundo
(...)

Ninguém: e que mais procuras heim?

Todo Mundo: Procuo poder e glória.

Ninguém: Eu cá não vou nessa História. Só
quero virtude...Amém.
(...)

Ninguém: Que desejas mais, sabido?

Todo Mundo: Minha ação elogiada em todo
e qualquer sentido.

Ninguém: Prefiro ser repreendido
Quando der uma *mancada*
(...)

Todo Mundo: Eu sou *vidrado* em tapear,
E mentir nasceu comigo.

Ninguém: A verdade eu sempre digo
Sem nunca me chantagear.
(...)

Accesse o texto
completo pelo
QR Code



Carlos Drummond de Andrade

FRAGMENTO 2

Auto da Lusitânia

810 **Berzabu:** Esta é boa experiência:
Dinato escreve isto bem.

Dinato: Que escreverei companheiro?

Berzabu: Que ninguém busca
consciência
e Todo Mundo dinheiro.
(...)

821 que busca honra Todo o Mundo e
Ninguém busca virtude.
(...)

829 Que quer em **estremo grado**¹
Todo Mundo ser louvado
e Ninguém repreendido.
(...)

855 Que Todo Mundo é mentiroso
e Ninguém diz a verdade.

VICENTE, Gil. *As Obras de Gil Vicente*, ed. de José Camões, v. 2, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002.

¹ grau extremo

Assista ao vídeo em marionete de
“Todo Mundo e Ninguém” para
entender melhor essa história.

Tenha acesso ao
vídeo pelo QR
Code



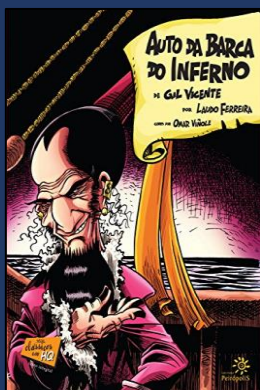
A intenção de Gil Vicente era denunciar os maus costumes que observava na sociedade em que vivia, cometido por todos (as), fossem do Clero, da nobreza ou da arraia-miúda. Isso quer dizer que, com exceção do rei e sua família, todos aqueles que assistiam suas peças foram criticados. Logo, o autor fazia o público rir dos seus vícios, buscando assim fazê-los refletir sobre suas posturas.

Você já tinha ouvido falar dessa peça? Que tal conhecer um pouco mais sobre ela?



Hans Memling, *O Juízo Final* (1467-1471). Museu Narodowe, Gdansk.

Aprendendo com novas linguagens: QUADRINHOS



Nesta versão em HQ do *Auto da Barca do Inferno*, Lauro Ferreira representa de forma lúdica e atual os personagens que deram vida à peça. Assim, é possível aprender mais sobre a sociedade portuguesa de 1500 e relacionar os personagens na atualidade. Ainda recebeu consultoria literária de Maurício Soares Filho, professor de Literatura, dramaturgo e diretor teatral.

FERREIRA, Lauro. *Auto da Barca do Inferno de Gil Vicente*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2015.

- ▼
- Na sua opinião, por que o tema da morte instiga tanto a nossa imaginação?
 - Qual a sua visão sobre a morte? Discuta com os seus colegas.

Aponte para o código e tenha acesso a obra *Auto da Barca do Inferno*, com explicações que irão facilitar sua leitura e interpretação.



Na corte de D. João III, Gil Vicente já se opunha às **indulgências**, às rezas mecânicas, ao culto dos santos etc. Mas, apesar de ousado e sarcástico, o autor dos autos era um católico fervoroso e suas peças indicam apenas a necessidade de uma reforma dos costumes e não religiosa. Isso quer dizer que suas críticas se dirigiam à corrupção do Clero e não à Igreja. Sua visão era baseada no **teocentrismo**, pois no conjunto de sua obra era Deus que ocupava o centro de todas as coisas.



Indulgências: Na doutrina católica, a indulgência é o perdão dos pecados a partir de penitências, orações e jejuos etc.

Teocentrismo: doutrina que considera Deus o centro do universo.

Momento de reflexão!

1. Leia o texto e responda as questões:

(...) Nas últimas décadas os textos literários passaram a ser vistos pelos historiadores como materiais propícios a múltiplas leituras, especialmente por sua riqueza de significados para o entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo”.

Ferreira, Antônio Celso. Literatura: a fonte fecunda. In: PINSK, Carla Bassanezi. DE LUCA, Tânia Regina (org.) **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 61.

- a) Conforme o trecho acima, os textos literários também podem ser utilizados pelos historiadores como fonte. Por quê?
 - b) Com base no texto e no capítulo lido, as peças de Gil Vicente também podem ser consideradas fontes históricas? Que conhecimento é possível aprender a partir de suas peças?
2. Gil Vicente era contrário aos comportamentos viciosos de muitos membros da sociedade em que vivia. Identifique quais foram os principais alvos da crítica pelo teatrólogo. E os motivos pelos quais foram criticados.
 3. Qual a intenção do autor com suas críticas?
 4. Gil Vicente se posicionou contra diversas mazelas de sua sociedade e uma delas se referia ao relaxamento dos costumes entre aqueles que mais deveriam zelar pelos valores cristãos: os próprios clérigos. Lutero foi mais longe e suas críticas severas à instituição católica levaram à Reforma Protestante. Com base no capítulo lido, marque a alternativa correta.
 - a) Gil vicente tinha os mesmos ideais de Lutero, se colocando contra os abusos da Igreja.
 - b) O teatrólogo denunciava a corrupção do Clero.
 - c) O autor dos autos desejava uma reforma religiosa.
 - d) O dramaturgo criticou os dogmas da Igreja e a hierarquia religiosa existente.

5. Os fragmentos abaixo foram extraídos de duas peças de Gil Vicente, que constam na *Copilaçam* de suas obras: *Breve Sumário da História de Deus*, representado ao rei D. João III e a rainha D. Catarina; *Auto da Fé*, representado ao rei D. Manuel I. Leia-os com atenção e responda as questões.

FRAGMENTO 1

Breve Sumário a História de Deus
(1527)

791 **Sam João:** (...) Mas o que deseja ser bispo e portanto **mui**¹ modesto, calando e cobrindo o mal manifesto, **nam**² é pregador da santa igreja mas ladrão honesto.

¹ muito
² não
³ Deus

FRAGMENTO 2

Auto da Fé (1510)

139 **Fé:** Fé é amar a **Deos**³ só por ele
Quanto se puder amar
Por ser ele singular
Nam por interesse dele.

E se mais queres saber
Crer na madre igreja santa
E cantar como ela canta
E querer o que ela quer.

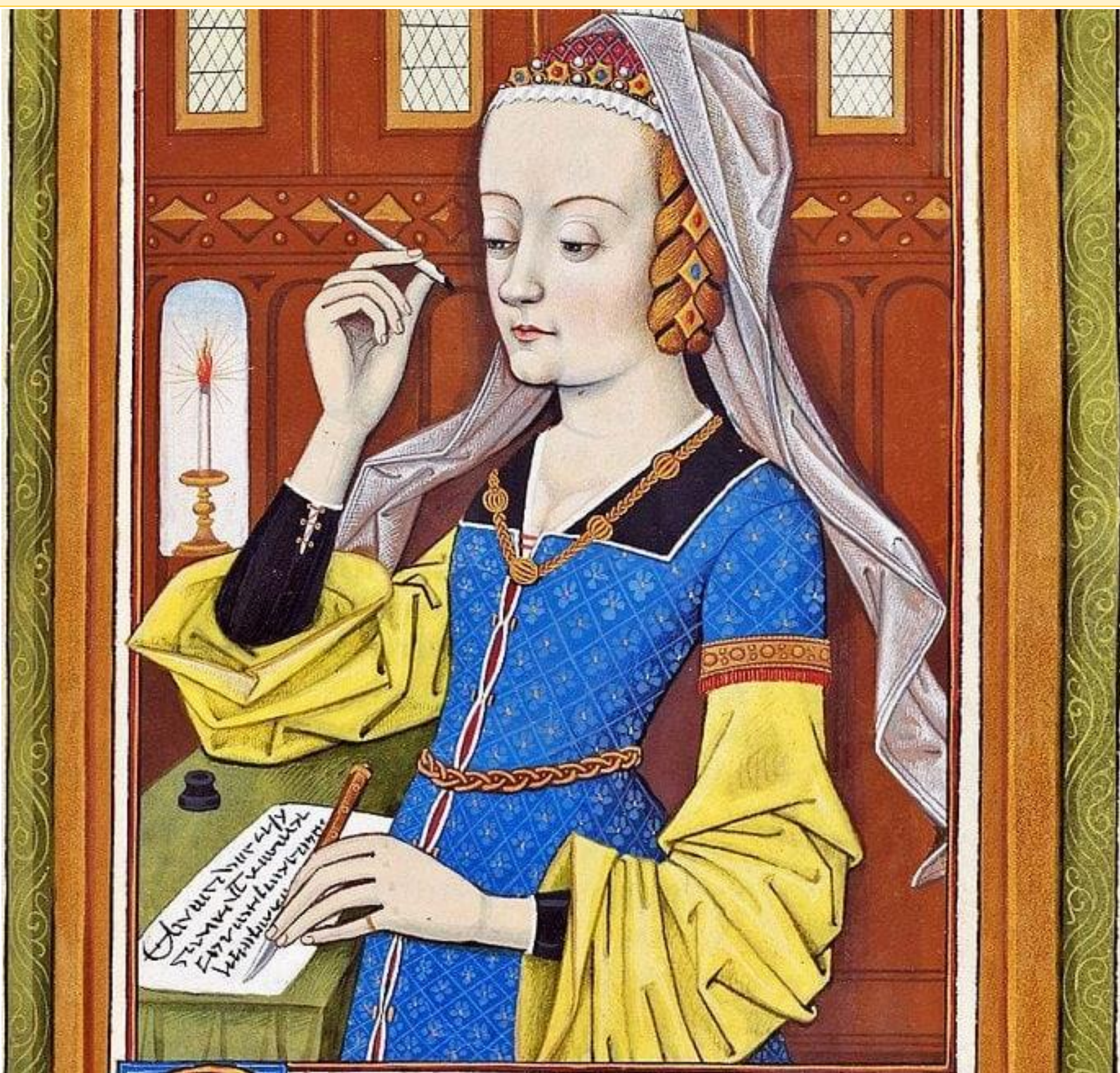
VICENTE, Gil. *As Obras de Gil Vicente*, ed. de José Camões, v. 1, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002.

- a) Com base nos versos lidos, pode-se dizer que Gil Vicente tinha uma visão teocêntrica ou antropocêntrica? Explique.
- b) Na sua opinião, o que o autor quis dizer nos versos “crer na madre igreja santa / e cantar como ela canta/ e querer o que ela quer”?
- c) Qual o conceito de fé de Gil Vicente?
- d) Com base no fragmento 1, que visão o autor tinha do Clero de sua época? De acordo com o fragmento 2, os clérigos seguiam o que a Igreja queria?
6. No *Auto da Lusitânia*, Gil Vicente se posicionou bastante descontente com a sociedade em que vivia, dominada pela corrupção (poder, ambição). Na sociedade em que vivemos, a corrupção também nos é ainda muito familiar. Releia os dois trechos selecionados (p. 17) e identifique a qual ou quais classes sociais se “adequaria o personagem Todo o Mundo” e “Ninguém” em nossa sociedade. Procure apontar casos de corrupção envolvendo essas classes.

CAPÍTULO



GÊNERO, EDUCAÇÃO E INTELLECTUALIDADE FEMININA NA IDADE MÉDIA





As mulheres na Idade Média: passivas ou ativas?

O que vem à sua mente quando ouve falar das mulheres medievais? Ativas ou passivas?

Quando falamos das mulheres medievais, talvez venha, de imediato, a referência ao principal papel atribuído a elas: submissão e passividade aos homens. Mas, antes de se tomar tal compreensão como totalmente verdadeira, é preciso nos atentarmos a alguns importantes detalhes: quem deixou escrito esse discurso? De onde escreveu? Com quais objetivos? Todo e qualquer documento foi escrito por alguém (de alguma posição social) e com determinada finalidade. Por isso, todo texto produzido em uma época teve suas intenções, e sua compreensão é um ponto importante para que não reforcemos uma concepção deturpada sobre as mulheres.

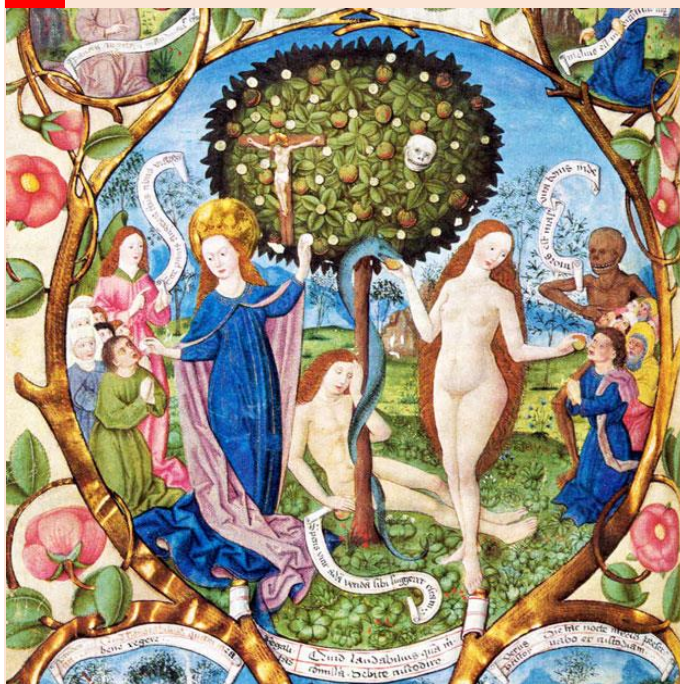
Na Idade Média, a misoginia se fez bastante presente e só aumentou no período da Baixa Idade Média (séculos XIV-XVI). E esse preconceito contra o sexo feminino foi registrado na própria documentação escrita sobre as mulheres, em grande parte, pelos homens da Igreja (Clero), que detinham um maior poder sobre a produção escrita da época.

Os clérigos tentaram, por muito tempo, controlar o comportamento feminino. E, durante mais de mil anos, continuaram tentando. Então, difundiram duas imagens e modelos opostos de comportamento: Eva, a pecadora X Maria, a Redentora. Eva aparece, no discurso da época, como aquela que teria sido seduzida pela serpente, tornando-se a responsável pelo pecado no mundo. Por causa disso, legitimou-se que todas as mulheres herdariam essa culpa. Com a culpa, as mulheres foram consideradas a própria fonte do mal, o demônio.

Nessa concepção, só uma Virgem Maria, perfeita e sem pecado, poderia redimir o sexo feminino. Ela era a “anti-Eva”. Seria exemplo de castidade, maternidade, honestidade, devoção, amor, submissão etc. Ela foi construída como um modelo ideal às mulheres. Mas, ainda que tivesse o modelo da Virgem Maria, a construção da culpa determinou que caberia ao sexo feminino procriar e cuidar de sua prole. O sexo masculino deveria prover e cuidar do corpo feminino, tido como sua posse.

LENDO IMAGENS

1



Árvore da vida ladeada por Maria e Eva. Missal de Salzburgo, 1480. Biblioteca Estadual da Baviera, Munique, Alemanha.

2



O pecado original, c. 1505. *Bible in francoiz historiee*, v. 1: Paris: Vérard, fol. II.



Preste atenção nas duas imagens e responda as questões.

- Na imagem 1, apresente as semelhanças e diferenças nas representações das duas personagens (Eva e Virgem Maria). Perceba as vestimentas, os olhares, a relação com os demais personagens secundários e símbolos.
- Na sua opinião, o que as imagens 1 e 2 transmitem a quem as visualiza?
- Relacione as duas imagens. Analise como Eva foi representada em cada uma delas?
- De que forma a serpente foi representada nas duas imagens?
- Como Adão foi representado nas imagens 1 e 2?

Ao longo dos séculos, as imagens de Eva e Maria foram se modificando, e, com as modificações, surgiram ainda mais pontos de diferenças entre elas. Eva foi se tornando ainda mais má, dona de uma beleza que seduzia os homens e levava ao pecado, enquanto Maria foi exaltada como modelo de santidade e de virgindade. O culto à Virgem Maria ou o **culto mariano** se deu, praticamente, durante toda a Idade Média.

G

Culto mariano: veneração e exaltação da Virgem Maria.



DE OLHO NO DOCUMENTO!

No século XVI, Gil Vicente exaltou, em várias de suas peças, a imagem da Virgem Maria, que teria trazido ao mundo a salvação. Em oposição a ela, estava Eva, considerada a própria perdição do gênero humano, a mãe do pecado, do trabalho e da dor. O autor fez bastante uso das Escrituras Sagradas para compor suas peças de moralidades e nelas é possível identificar a percepção do teatrólogo sobre estas duas personagens. Leia os dois fragmentos abaixo, retirados das peças *Breve Sumário da História de Deus* e do *Auto Pastoril Português*, ambas representadas ao rei D. João III. O fragmento 2 é uma releitura do hino mariano *O Gloriosa Domina*, composto por Venanzio Fortunato (530-607), Bispo de Poitiers.

FRAGMENTO 1

Breve Sumário a História de Deus (1527)

62 **Lúcifer**: Vai tu, Satanás, por **embaixador**.

Eu te dou meu **comprido**¹ poder
e vai-te a Eva, porque é **mulher**²,
e diz que coma, não haja temor;
(...)

305 **Eva**: E como comi
Vedes ali senhor que pari,
Vedes a
minha triste **paridura**³;
Essa é a filha da mãe **sem ventura**⁴.
(...)

311 **Adão**: Vedes aqui, senhor Mundo, a nossa
parteira da terra, herdeira das vidas,
senhora dos vermes, **guia das partidas**⁵,
rainha dos **prantos**⁶, a **nunca ociosa**⁷
(...) a **emboladeira**⁸ dos grandes senhores
cruel **regateira** que todas **enlea**⁹ (...).

FRAGMENTO 2

Auto Pastoril Português (1523)

570 Ó gloriosa senhora do mundo
Excelsa¹⁰ princesa do céu e da terra (...)
Santa esperança ó **madre**¹¹ d' amor
Ama discreta¹² do filho de Deos (...)
Õa¹³ só **sem mácula**¹⁴ e só preservada
(...)

586 Do que Eva triste ao mundo tirou
Foi o teu fruto restituidor
Dizendo-te ave o embaixador
O nome de Eva te significou.

G

Regateira: mulher que revendia alimentos na rua: peixe, hortaliças, frutas etc; mulher de linguagem imoral.

Embaixador: representante diplomático; encarregado de uma missão; mensageiro; emissário.

VICENTE, Gil. *As Obras de Gil Vicente*, ed. de José Camões, v. 1, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002.

¹ Grande

² Mulher

³ Parto

⁴ Infeliz

⁵ Guia da morte

⁶ Choros

⁷ Nunca ociosa - ocupada com os trabalhos;

⁸ Uma embusteira, ardilosa, enganadora, mentirosa etc.

⁹ Enleia, prende.

¹⁰ Ilustre

¹¹ Mãe

¹² Mãe prudente

¹³ Uma

¹⁴ Sem pecado

Leitura e compreensão do texto

Leia os dois fragmentos da página anterior e responda as questões:

1. De que forma Eva foi representada no fragmento 1? Que comportamentos lhes foram atribuídos por Lúcifer e Adão?
2. Explique o verso “vai-te a Eva, porque é molher”.
3. Identifique os atributos/virtudes conferidos à Virgem Maria, no fragmento 2.
4. Relacione os dois textos.
 - a) Quem seria o “fruto restituidor” da Virgem Maria. De que forma ele se relaciona ao fruto comido por Eva?
 - b) Quem seria o embaixador de Ave e o embaixador de Eva?
5. Relacione as designações Ave e Eva, no fragmento 2.

Esses dois modelos representavam as ideias que se tinham sobre as mulheres. Mas, é possível acreditar que essa concepção reducionista, que classificava as mulheres ora como Eva, ora como Maria, se ajustava à realidade das mulheres medievais, nesses longos séculos que foram a Idade Média? Bem, as **relações de gênero** nessa época eram bem mais complexas do que se imagina. Considerar as mulheres apenas como santas ou pecadoras apaga a pluralidade em que estiveram envolvidas. Da mesma forma, nem todos os homens se identificavam ou se adequavam ao papel de virilidade, superioridade e provedor que se exigia deles.



Você sabe o que são relações de gênero? Antes de entendê-la, é preciso compreender o próprio gênero. A definição de gênero possui diversos significados, mas, abaixo citamos os principais.

- ◆ Construção histórica de papéis sociais, baseada nas diferenças sexuais;
- ◆ Forma como se organiza as relações entre homens e mulheres em sociedade;
- ◆ Padrões distintos que foram cultural e socialmente estabelecidos para homens e mulheres.
- ◆ Forma de se entender as relações de poder na sociedade, que levam as desigualdades, violências e demais conflitos entre homens e mulheres.

Fala-se em relações de gênero, porque os papéis estabelecidos socialmente demarcaram/demarcam posições e, principalmente, espaços que homens e mulheres deveriam e devem atuar, determinando as posturas de cada um em sociedade. A questão é que, ao longo da História, nem todos (as) se adequaram aos padrões. Em sociedade alguma existiu/existe apenas sexo masculino e feminino. Homens e mulheres possuem classe, raça, etnia, religião, orientação sexual etc. Todos estes elementos influenciam na forma como nos comportamos em sociedade e o nosso relacionamento com sujeitos diferentes. Por isso, embora considere o sexo biológico, o gênero é algo estabelecido culturalmente, ao longo do tempo, e que depende muito de sociedade para sociedade.

Os longos séculos medievais não foram o tempo todo marcados pela misoginia. Homens e mulheres não tiveram sempre papéis distintos e desiguais. Em determinadas sociedades da Idade Média, por exemplo, houve até mesmo certa igualdade entre homens e mulheres.

HISTORICIZANDO

A Idade Média não inventou a desigualdade entre os sexos. Esta remonta aos primórdios das sociedades organizadas e hierarquizadas, ao aparecimento das civilizações (...). Na Europa Ocidental, apenas entre os celtas – povos habitantes da antiga Gália, nos territórios dos atuais países da França, Bélgica e Holanda – elas gozaram de total independência. Do ponto de vista jurídico havia equiparação entre os dois sexos, uma relação mais equilibrada e, em alguns casos, algumas vantagens para o sexo feminino. As solteiras tinham liberdade na escolha do parceiro e conservavam direitos importantes após o casamento. Embora fossem representantes da família nas assembleias, os homens não eram considerados superiores às mulheres nas relações conjugais. Na realidade o grau de independência da esposa dependia do grupo social do qual se originava e das riquezas que possuía, já que podia controlar diretamente a herança paterna. Às esposas era possível solicitar a qualquer momento a ruptura da relação matrimonial.

MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média**. – São Paulo: Contexto, 2002, p. 14.

Leitura e compreensão do texto

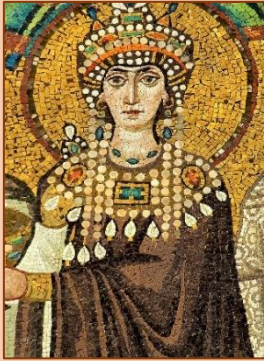
1. Por que o autor afirma que a Idade Média não inventou a desigualdade entre os sexos?
2. Segundo o texto, as mulheres celtas (solteiras e casadas) possuíam certa independência em relação aos homens. Sendo assim, identifique quais fatores exerciam maior ou menor grau na independência feminina entre os celtas?
3. Quais vantagens as mulheres celtas possuíam?



Explore um pouco mais!

Que tal conhecer um pouco mais sobre a sociedade celta! Boa pesquisa!

Mulheres fazendo História



Mosaico de Teodora.
Basílica de San Vitale,
Ravenna, Itália, séc. VI.
Foto de Petar Milošević.

Teodora (500-548) foi atriz de teatro, dançarina e prostituta que conseguiu tornar-se imperatriz de Constantinopla. Ela ficou conhecida por ter exercido o poder junto com o marido, o imperador Justiniano. Na verdade, foi a mulher mais influente e poderosa do Império Romano, tanto na política quanto na religião. Ao lado do marido, é santa da Igreja Ortodoxa. Já em sua época contribuiu para igualdade entre homens e mulheres: garantia de maiores direitos em casos de divórcio; direito de possuir e herdar propriedades; instituiu a pena de morte para estupradores.



Explore um pouco mais!

Com isso, podemos dizer que o gênero é antes de tudo uma construção que existe em todo e qualquer lugar: na escola, na igreja, em casa etc. Mesmo em seu cotidiano existem relações de gênero, sabia? Você já ouviu estas frases: “lugar de mulher é na cozinha”, “mulher tem que se dar ao respeito”, “sabe cozinhar, já pode casar”, “homem que é homem não leva desaforo para casa” etc.? Elas estão impregnadas pela questão do gênero. Isso porque nelas se fazem presentes uma concepção do que seria natural a homens e mulheres, e quais deveriam ser os papéis de cada um deles. A questão é que a genitália feminina e masculina não dita papéis e o que cada um deve ser, quem faz isso é a sociedade.

Pesquise mais sobre as mulheres medievais. Aproveite e acesse abaixo um vídeo bastante interessante sobre as mulheres da Idade Média.



Tão perto de você!

Existem frases machistas que de tão comuns já se tornaram naturalizadas e são repetidas diariamente. Mas, não são apenas frases, são comportamentos enraizados na sociedade que precisam mudar, pois fortalecem preconceitos como o **sexismo** e **machismo**. O machismo é algo cultural e histórico, e tem encontrado espaço em todos os lugares e sociedades, mas depende de cada um de nós não deixar ele sobreviver. Reflita e pesquise mais sobre!

G

Machismo: preconceito marcado pela concepção de que as mulheres são inferiores aos homens, e, por isso, não devem ter os mesmos direitos que eles.

Sexismo: preconceito fundamentado no sexo, ao determinar condutas adequadas a homens e mulheres.

A concepção de um comportamento ideal para o feminino esteve presente durante toda a Idade Média. Consideradas inferiores aos homens, as mulheres (virgens, casadas e viúvas) tinham em comum a exigência de um comportamento virtuoso, pautado nos ideais de virgindade e castidade. De forma geral, estiveram limitadas ao meio doméstico. Atividades como fiar, tecer, coser, bordar, remendar eram consideradas honestas a todas as mulheres.

Mas, por diversos motivos, esse modelo ideal se tornou impossível de ser seguido por todas. Isso porque as mulheres medievais eram diferentes entre si, por diversos fatores: a posição social, as atividades/ofícios do dia-a-dia, a idade (meninas, moças, anciãs), o estado (solteira, casada, viúva), o nível de instrução etc. Sendo assim, as mulheres não eram um grupo homogêneo, mas sim totalmente plural. Nesse caso, não se podia esperar o mesmo comportamento de servas, camponesas, artesãs, burguesas, princesas, rainhas, abadessas etc.

As mulheres medievais foram bastante ativas, a depender das atividades profissionais que ocupavam. E sua mão de obra contribuiu para o desenvolvimento econômico das cidades medievais. Por isso, não frequentavam apenas o espaço doméstico, mas também praças públicas, oficinas de artesanato, mercados, feiras etc.

Aprendendo com novas linguagens...TV		
	Deus salve o Rei	
	Direção: Fabrício Mamberti, Brasil, 2018.	
Essa telenovela inspirou-se na Idade Média. Entre os personagens estavam reis, rainhas, príncipes, princesas, duques, duquesas, condes, religiosos, guerreiros, guerreiras, feiticeiras, homens e mulheres do povo, em geral. É possível identificar entre outras coisas o trabalho ativo das mulheres nas feiras.		

Nessa época, as mulheres fizeram-se presentes no campo e nas cidades: camponesas, artesãs, comerciantes (negociantes, lojistas, revendedoras). E, muitas vezes, trabalhavam juntamente com seus maridos, de forma a contribuir na economia familiar.

LENDO IMAGENS

1



Illuminura do mês de junho pelos irmãos de Limbourg, *Très Riches Heures du duc de Berry*, c. 1411-1416.

2



Quentin Metsys, *O prestamista e sua mulher* (século XVI), Paris, Museu do Louvre.

3



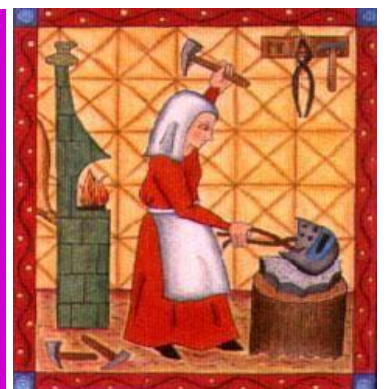
Miniatura de Giovanni Boccaccio. *Le Livre des Cleres et nobles femmes*. fol. 29r, 1403.

Preste atenção nas três imagens e responda as questões.

- Quais os cenários que as mulheres das três imagens estão presentes? Perceba todos os detalhes dos espaços.
- Identifique as diferenças nas vestimentas das mulheres em cada uma das imagens.
- Quais atividades as mulheres estão desempenhando?
- Nas três imagens, as atividades são exercidas apenas por mulheres ou também por homens?

VOCÊ SABIA?

Existiram na Idade Média mulheres médicas, boticárias, professoras, tintureiras, miniaturistas, encadernadoras, copistas, cervejeiras etc. Da mesma maneira, existem documentos que mostram mulheres medievais trabalhando em exercícios pesados: serventes de pedreiros, misturadoras de argamassa, tecelãs, artesãs de vidro, funileiras, metalúrgicas, ferreiras, carpinteiras, caldeireiras etc.



BESEN, E. *Vidas Iluminadas: uma breve história do trabalho das mulheres na Idade Média* (1989).

Com o decorrer da Idade Média, as atividades em que as mulheres se envolveram foram crescendo. Em suas peças, Gil Vicente apresentou diversas atividades profissionais desempenhadas por mulheres. Estas atividades, muitas vezes, eram realizadas fora do espaço doméstico. É o caso das regateiras, **alcoviteiras**, parteiras, astrólogas, benzedadeiras etc.



Alcoviteiras: mulheres que agiam como intermediadoras nas relações amorosas; incentivam moças para o mundo da prostituição.

Mulheres, educação e casamento na Idade Média

Os ideais de casamento no medievo eram muito diferentes do que conhecemos hoje, mas há que se reconhecer que ainda assumem bastante importância em nossa sociedade. Na Idade Média, o casamento estava no centro da vida da maioria das mulheres. Inicialmente, ele era apenas um negócio, um pacto entre grandes famílias nobres, na qual os **patriarcas** casavam seus filhos com intenções políticas de aumentar territórios e concentrar o poder em poucas mãos. Nessas uniões, a mulher era um objeto doado pelo pai e recebido pelo marido.

Patriarcas: chefes ou pais de família que possuíam maior autoridade e poder sobre todos os membros da família, assim como de todo o patrimônio familiar.

A partir do século XII, o casamento tornou-se uma instituição cristã, sob o controle da Igreja, que passou a normatizar sobre seus princípios e finalidades. Ao longo da Idade Média, o casamento foi sendo construído como um sacramento. É claro que isso não foi um processo rápido, até porque a sociedade não aceitou de imediato o modelo que a Igreja queria impor.

HISTORICIZANDO

Quanto mais recuados no tempo e mais afastados dos grandes centros clericais (sede de bispados, mosteiros), mas os medievos puderam viver de forma “pagã”, no dizer da Igreja. Os camponeses, em especial, superficialmente cristianizados até fins da Idade Média em várias regiões, quase sempre escapavam aquele controle. Os aristocratas interessados em casamentos que garantissem bons dotes e grande prole para dar continuidade à linhagem e herdar o patrimônio fundiário da família, resistiram por muito tempo ao modelo de união sexual que a Igreja determinava.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Idade Média:** Nascimento do Ocidente. – São Paulo: Brasiliense, 2006, p. 127.

Leitura e compreensão do texto

1. De que forma a condição social podia influenciar na maior ou menor adequação ao modelo matrimonial?

Mas, aos poucos, o modelo eclesiástico de relação conjugal foi se enraizando na sociedade. Homens e mulheres só poderiam viver juntos e ter filhos apenas dentro do casamento, assim desejava a Igreja. A finalidade da união conjugal era exatamente essa: a procriação. Sendo assim, a mulher continuava sendo considerada um ser sem autonomia dentro do casamento, tendo sua função limitada à procriação de filhos legítimos. Isso quer dizer que uma das principais exigências às esposas era a fidelidade. Essa exigência era muito maior entre as mulheres da nobreza, uma vez que os interesses políticos continuavam prevalecendo e a existência de um bastardo prejudicaria a linhagem. Porém, entre os reis, era prática comum ter amantes e gerar filhos bastardos.

VOCÊ SABIA?

Em Portugal, diversos reis tiveram filhos (as) bastardos (as). D. João I, filho ilegítimo do rei D. Pedro I com Teresa Lourenço, conseguiu até mesmo ocupar o trono de Portugal, e fundar uma nova Dinastia, a de Avis. O rei D. João II também tentou fazer de seu filho, Jorge de Lencastre, o sucessor ao trono de Portugal.

O adultério era considerado uma das ofensas mais graves ao casamento, ainda que fosse uma prática muito comum entre homens e mulheres. Mas, eram as esposas, de forma geral, as mais condenadas pela infidelidade, podendo até ser mortas.

Aprendendo com novas linguagens: LITERATURA



A autora faz uma releitura do famoso romance medieval entre Tristão e Isolda, amor proibido entre eles. É possível identificar diversos elementos sobre as Relações de gênero na Idade Média: o casamento enquanto negócio, a mulher como objeto, que devia sempre ceder à vontade masculina, os papéis sociais do guerreiro, o amor proibido e o adultério.

ANDRADE, Telma Guimarães Castro. **Tristão e Isolda**. Scipione, 2005.

Tão perto de você!

A questão do adultério continua sendo atual. Sem entrar no mérito moral e religioso, o certo é que a forma como se enfrenta o adultério na nossa sociedade está diretamente ligada à percepção sobre os comportamentos esperados de homens e mulheres, aos papéis que seriam apropriados a cada um dos gêneros. Afinal, homens e mulheres que cometem adultério são tratados da mesma forma pela sociedade? Em sua opinião, por que ainda existe tanta violência e julgamento contra as mulheres adúlteras? Existe a mesma reação com os homens adúlteros? Reflita sobre isso.

As mulheres medievais casavam-se muito cedo, entre 12-15 anos, já os rapazes demoravam bem mais para casar. Mas, também dependia muito da condição socioeconômica das famílias e de sociedade para sociedade. De qualquer maneira, as meninas aprendiam bem pequenas qual o era o seu destino e como se preparar para ele.



Mas, o que se ensinava a elas? Havia alguma diferença em relação a educação dos meninos?

A educação de meninos e meninas era bastante distinta em todas as camadas sociais. A educação dos filhos (as) cabia às mães, mas havia toda uma preocupação com a educação das meninas, tida enquanto competência unicamente materna. As filhas aprendiam com as mães tudo que precisavam saber para serem perfeitas donas de casa, esposas e mães. Esse era considerado o seu destino. Na Idade Média, aliás, a casa foi, por muito tempo, considerada o principal espaço de sua educação. Desse modo, a educação para grande parte das mulheres era doméstica. Em qualquer camada social, as filhas deviam aprender as artes da costura: bordar, fiar, tecer, remendar, coser etc.

1. Qual a sua opinião sobre o casamento e a maternidade enquanto destino da mulher? Para você a nossa sociedade ainda pensa assim?
2. Na sua opinião, ainda existe diferenças na educação dada a meninos e meninas? Explique.

Mas, a educação das meninas também se diferenciava, a depender de sua posição social. Nas famílias nobres, a mãe ensinava a filha como falar, vestir, governar a casar e seus criados, dançar, tocar um instrumento musical etc.

Era também com suas mães que aprendiam a ler e escrever. Tudo isso era uma preparação para o casamento. As burguesas aprendiam a lidar com economia doméstica, algo mais comum à sua condição social. Ricas nobres e burguesas também podiam ser educadas em conventos, onde ficavam reclusas até o casamento.

As artesãs aprendiam com os pais a lidar com ofícios diversos, ligados à fiação da seda e tecidos de lã, que seriam necessários durante toda sua vida, casada ou viúva. As camponesas eram ensinadas a desempenhar uma série de tarefas, dentro e fora de casa. Não só deviam se preocupar em manusear a agulha, preparar os alimentos e cuidar dos irmãos, mas também cuidar da criação de animais.



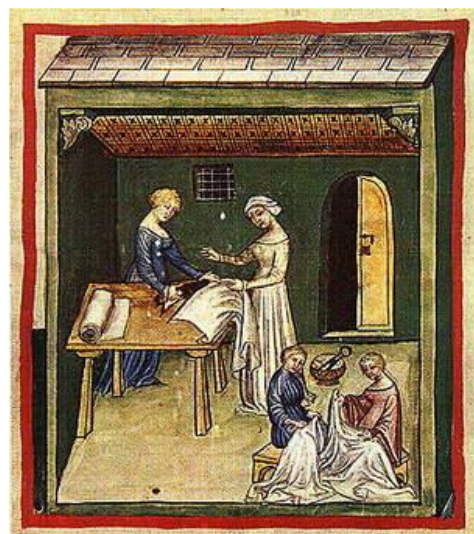
J. Joachim Beuckelaer. *Interior de uma cozinha*, século XVI. Paris, Museu do Louvre.

Diferente das famílias mais abastadas, que tinha condições de pagar o **dote**, as camponesas tinham que trabalhar para consegui-lo, tanto no campo como nas cidades, onde trabalhavam, geralmente, como domésticas.

Mas, era possível uma camponesa conquistar uma vida diferente? Embora fosse difícil a realidade dessas mulheres, foi possível seguir outros rumos.



Miniatura do Mestre dos meios cumprimentos femininos. *Três mulheres tocando música*, São Petersburgo, Museu do Hermitage, 1530.



Mulheres trabalhando e cosendo. Miniatura de um *Tacuinum Sanitatis*, 1385. Viena, Biblioteca Nacional.



Dote: bem material transferido pela família da noiva ao futuro marido, como forma de firmar o casamento das filhas, um costume ainda presente em algumas sociedades.

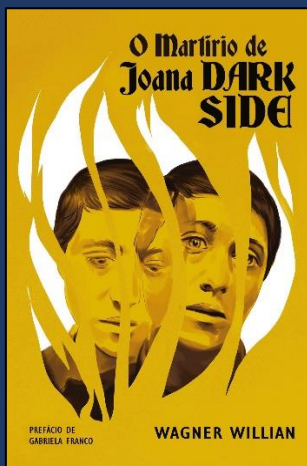
Mulheres fazendo História!



Iluminura de Joana d'Arc.
c. XV-XX. Arquivo

Na Idade Média, a guerra era apenas para os homens? Joana d'Arc (1412-1431) mostrou que não. A jovem de origem camponesa e iletrada não apenas ocupou um papel e espaço (o das guerras) considerado masculino, como esteve à frente do exército francês na fase final da Guerra dos Cem anos, guerra entre a França e a Inglaterra. Embora tenha sido acusada de heresia, feitiçaria e condenada à fogueira, aos 19 anos, ultrapassou as normas sociais. Depois de muito tempo comprovado a sua inocência, foi canonizada pelo Papa Bento XV, em 1920. Além de santa, é considerada Padroeira da França, exemplo de coragem, fé e resistência aos padrões de feminilidade, tanto na vestimenta como nas escolhas que tomou.

Aprendendo com novas linguagens: QUADRINHOS



O Martírio de Joana Dark Side

Wagner Willian, 2018, 76 páginas

Inspirada no filme *A Paixão de Joana d'Arc* (1928), Wagner Willian apresenta, nesta versão em HQ, a dor e sofrimento de Joana Dark nos últimos dias de vida, em seu processo de julgamento, que a levou à fogueira. Diante de diversas acusações, o autor conecta o contexto histórico da época, marcado pela misoginia, com a nossa atualidade, apresentando pontos de permanência na forma de se julgar a mulher.

Aprendendo com novas linguagens: PODCASTS



Estudos medievais. Série Perfil: Joana d'Arc. Episódio 15
Participantes: Isabela Alves Silva e Flávia Aparecida Amaral (UFVJM)

Nesse episódio, a professora e pesquisadora Flávia Amaral fala sobre a biografia de Joana d'Arc, articulando com os acontecimentos da Guerra dos Cem anos, que a tornaram conhecida, suas vitórias e a condenação final por heresia, além das apropriações dessa personagem ao longo do tempo.



As intelectuais na Idade Média: conhecimento que liberta e incomoda

Na Idade Média, durante muitos séculos, a grande detentora do pensamento intelectual foi a Igreja. Grande parte das mulheres não tiveram acesso a uma educação letrada, sendo mesmo proibido a elas o acesso às escolas e universidades. A sociedade queria formar apenas boas esposas e mães. A concepção corrente era a de que elas não tinham capacidade intelectual e que suas funções eram apenas de reproduzir e obedecer. Mas, de maneira alguma, as mulheres se limitaram a esse discurso.

VOCÊ
SABIA?

No Brasil, o discurso patriarcal, de que o papel social das mulheres estava limitado à casa e aos deveres familiares, perdurou até o século XIX. Mesmo com a lei escolar de 1827, em que as meninas passaram a ter direito a frequentar às escolas, continuavam recebendo aulas de prendas domésticas e, dificilmente, conseguiam avançar nos estudos, considerando o discurso da época de que elas não tinham a mesma capacidade intelectual dos meninos. Por isso, não apenas meninos e meninas eram separados, como possuíam um currículo diferente. Apenas a partir de 1880, as mulheres passaram a ter acesso ao ensino superior, mas de forma bastante escassa. Além disso, a tardia inserção das mulheres nas escolas e universidades estava ligada à sua classe social e raça.

Mulheres fazendo História!



Abelardo e Heloísa,
miniatura extraída
Romance da Rosa, de
Jean Meung, 1460,
Chantilly, Museu Condé.

Heloísa de Argenteuil (1101-1164) foi uma intelectual religiosa de família nobre que se tornou abadessa de Paraclete. Heloísa dedicou-se bastante aos estudos, chegando a dominar o latim, o grego e o hebraico. Em Paris, teve como preceptor o filósofo Pedro Abelardo, por quem se apaixonou, se casou e teve um filho, chamado Astrolábio. Contudo, o romance entre eles foi proibido pelo tio de Heloísa, o cônego Fulbert, que, furioso, mandou castrar Abelardo. Como forma de se reconciliar com Deus, Abelardo entra para a vida monástica, e pediu à amada que fizesse o mesmo. Ela resiste, mas acaba fazendo os votos. Porém, os dois continuaram mantendo contato a partir da troca de correspondências, que, mesmo tratando-se de assuntos teológicos, filosóficos e eclesiásticos, também estavam marcadas pelos sentimentos que tinham um pelo outro.

No final da Idade Média, ocorreram algumas mudanças nos comportamentos de homens e mulheres. Novos códigos de conduta surgiram, levando-se a uma maior preocupação com a educação das mulheres, principalmente as donzelas e damas de corte. Alguns moralistas da época até mesmo defendiam que mulheres ilustres, de “boas famílias”, fossem educadas para que soubessem como se apresentar diante da sociedade com doçura, delicadeza, gentileza, graça etc.

Nesse caso, uma educação letrada tinha como objetivo formar moças e senhoras recatadas. Aconselhava-se que lessem livros religiosos, considerados mais honestos, que serviriam para moldar o seu comportamento moral e limitar o conhecimento que poderiam adquirir.

Além das mulheres de boas famílias, as que se dedicavam à vida religiosa tiveram maiores oportunidades de se destacar no campo das letras, já que se fazia necessário um profundo conhecimento sobre as Escrituras. Mas, o conhecimento das letras não serviu apenas para formar mulheres submissas e controladas. Muitas leitoras e escritoras conseguiram chegar mais longe. Nos conventos e mosteiros surgiram muitas escritoras, que foram além do que se esperava delas.



Pintura do Mestre das figuras femininas de meio corpo. *Santa Maria Madalena lendo*. C. 1500-1550. Museu do Louvre, Paris.



Místicas: Também conhecidas como visionárias, eram mulheres religiosas que apresentavam uma nova forma de espiritualidade na comunicação com Deus.

Mulheres fazendo História

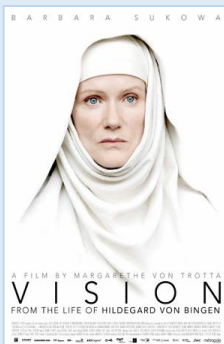


Miniatura de Hildegard Von Bingen no *Liber Scivias Domini*.

Hildegard von Bingen (1098-1179) foi uma das mais conhecidas **místicas** de sua época. Essa mulher exerceu a sua intelectualidade e capacidade artística de diversas formas: na teologia, composição de poesias, dramaturgia, escrita de textos sobre medicina e ciências naturais. Aos oito anos, foi viver no mosteiro das beneditinas de Disibodenberg, sob os cuidados da abadessa Jutta de Sponheim e do monge Volmar. Com a morte de Jutta, tornou-se abadessa daquele mosteiro, recebendo, a partir de então, diversas visões divinas ainda mais completas, as quais a levaram não apenas a escrever diversas cartas e autobiografias, como pregar aquilo que ouvia. Ela conseguiu publicar as suas visões, tornando-se verdadeira profetisa, tanto que recebeu o cognome de “Sibila do Reno”. Além de santa, o papa Bento XVI a concedeu, em 2012, o título de Doutora da Igreja Católica.



Aprendendo com novas linguagens ...CINEMA



Visão: da vida de Hildegarda de Bingen

Direção: Margarethe Von Trotta, Alemanha, 2009, 1h50 min.

Sinopse: O filme mostra um mundo diverso por trás dos muros de um mosteiro. Apesar das rigorosas normas eclesiásticas, Hildegard von Bingen conseguiu conquistar um espaço para si, nesse ambiente marcado pela religião, algo mais do que incomum naquela época.

A influência das místicas na vida religiosa, política, social e econômica foi considerável. Tiveram contato com homens poderosos da época: papas, bispos, teólogos, líderes políticos etc. Fundaram mosteiros e conventos. Além das religiosas, mulheres laicas de boas famílias conseguiram ocupar o campo das letras, produzindo escritos sobre Medicina, Matemática, Gramática, Filosofia, História etc.

Escreveram ainda poemas e romances. Houve laicas que não apenas conseguiram adentrar nesse espaço, considerado masculino, como deixaram as marcas de seu pensamento contra a misoginia da época.

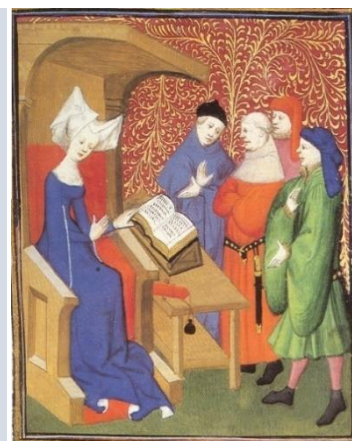


Pesquise mais sobre a mística feminina na Idade Média e anote a biografia das principais místicas dessa época.



Você sabe quem foi a escritora medieval que conseguiu sustentar a família com sua escrita? O seu nome é Cristina de Pisano (1353-1430). Esta mulher italiana, de origem nobre, mostrou sua ousadia, ao questionar o olhar negativo que os homens tinham sobre as mulheres.

Cristina de Pisano defendia que a inferioridade feminina não era algo natural, mas sim considerada desejável pela sociedade da época, que não proporcionava às meninas uma educação igual à dos meninos.



Palestra de Cristina de Pisano. Mestre da "Cité des Dames". O Livro da Rainha, Biblioteca Britânica, f.259V. c. 1410-1414.


Por isso, era a favor da educação das mulheres como forma de mostrar a capacidade intelectual que possuíam. Esse tipo de visão fez alguns historiadores considerá-la a primeira feminista da História, uma vez que não apenas defendeu o seu sexo, como questionou o discurso misógino da inferioridade feminina.



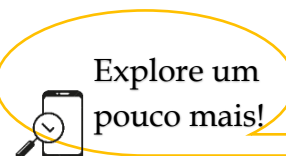
1. Você sabe o que é feminismo? Explique.
2. Você se identifica enquanto feminista? Qual o significado de se identificar enquanto feminista?
3. Você conhece obras de autores(as) feministas? Comente.
4. Na sua opinião, a nossa sociedade ainda considera as mulheres inferiores aos homens? Explique.

Para Cristina, o acesso ao escrito foi uma forma de sobrevivência, possível porque era uma nobre letrada. Após a morte do marido, foi ela quem sustentou a família com seus vários escritos em francês, encomendados por príncipes e nobres de corte.

Aprendendo com novas linguagens: QUADRINHOS



Este quadrinho narra a história do feminismo, desde a antiguidade até a modernidade. Nesse percurso, a autora aborda fatos importantes que ocorreram em favor das mulheres, bem como o pensamento de algumas personalidades históricas, “rebeldes, ativistas e filósofas”. Na Idade Média, o destaque foi para Cristina de Pisano.



Explore um pouco mais!

Pesquise mais sobre o surgimento do movimento feminista; o que defendem as feministas; qual a importância de suas ideias.

Mas, Cristina não era uma exceção no período medieval, apenas uma mulher do seu tempo, que, diante do contexto de misoginia e da situação em que se encontrava, viúva, com três filhos e outros parentes aos seus cuidados, se impôs com o seu trabalho de escritora.

VOCE
SABIA ?

Na sua famosa obra, *Cidade das Damas* (1405), Cristina de Pisano idealizava a construção de uma cidade perfeita, onde somente as mulheres poderiam governar, com as virtudes da justiça, razão e retidão (integridade). Nessa cidade, as mulheres estariam livres do domínio masculino.



miniatura de Cristina de Pisano e a construção da Cidade das Damas pelo mestre da "Cité des Dames", Paris, séc. XV.

Nem todas conseguiram sobreviver da mesma maneira que Cristina de Pisano, mas, em outros contextos medievais, outras mulheres conseguiram se posicionar.

Mulheres fazendo História



Retrato litográfico de Bettisia Gozzadini por A. Nepoti. Bolonha: Sassi, 1845.

Bettisia Gozzadini (1209-1261) foi uma nobre que se doutorou em Direito, na Universidade de Bolonha, Itália. Para frequentar a universidade, teve que se travestir de homem, considerando o preconceito da época. Graças a excelente educação recebida, foi incentivada pelos mestres Giacomo Baldavino e Tancredi Arcidiacono, da Universidade de Bolonha, a lecionar nesta universidade. Assim tornou-se professora universitária, atuando até sua morte.

Momento de reflexão!

1. As mulheres medievais foram associadas a duas imagens opostas: Eva e Maria. A partir disso, marque a alternativa correta.
 - a) Todas as mulheres medievais eram más e, por isso, foram dominadas pelos homens.
 - b) Maria era um modelo perfeito que se adequava a todas as mulheres.
 - c) As imagens de Eva e Maria foram construídas pelos clérigos como forma de mostrar a oposição entre modelo ideal e não ideal de mulher.
 - d) Eva, como primeira mulher e mãe, era o modelo a ser seguido por todas.
 - e) A Virgem Maria era considerada pelos clérigos enquanto um modelo impossível de ser seguido.
2. Durante a Idade Média tentou-se controlar as mulheres de todas as formas. Foram educadas para aceitar o lar como seu lugar por natureza e a sujeição ao masculino, como destino. No entanto, as realidades das mulheres as levaram a ser bem mais que recatadas e do lar. Com base no capítulo, responda as questões.
 - a) As mulheres medievais aceitaram com passividade o domínio masculino? Explique.
 - b) Quais os papéis sociais das mulheres na Idade Média?
3. O casamento assumia uma importância considerável na sociedade medieval. O modelo cristão de casamento era uma forma da Igreja controlar a sexualidade de homens e, principalmente, mulheres. Sabendo disso, explique qual o significado do casamento na Idade Média e qual a função das esposas dentro das relações conjugais.
4. A educação das mulheres começava muito cedo. Mas, a depender da posição social, recebiam uma educação diferenciada. Explique a finalidade da educação feminina e aponte as diferenças na forma de se educar meninas de diferentes condições sociais.
5. A educação das mulheres foi além do espaço doméstico e das tarefas do lar. Mulheres bem-dotadas conseguiram mostrar sua capacidade intelectual na sociedade misógina na qual viviam. Explique sobre as mulheres intelectuais e os principais espaços em que elas atuaram.

6. Identifique as palavras abaixo no caça palavras, que estão relacionadas as mulheres intelectuais da Idade Média.

Audaciosas, curiosas, astutas, sábias, devotas, filósofas, teólogas, abadessas, médicas, poetisas, místicas, dramaturgas, doutoras, escritoras, santas.

C	D	A	A	D	E	S	G	D	E	V	O	T	A	S	L	E	T	G	Y	G	B
R	C	H	P	O	E	T	I	S	A	S	A	M	Y	U	T	L	F	W	A	H	H
S	E	E	L	U	O	D	G	A	E	E	E	I	I	O	O	R	G	U	K	E	E
D	F	R	H	T	H	R	I	R	Y	D	A	S	A	N	R	S	D	E	O	C	A
N	R	A	R	O	E	N	E	R	I	E	B	T	C	O	I	A	W	O	Y	O	N
I	E	E	B	R	H	E	I	C	H	C	L	I	O	E	C	H	E	H	T	T	I
A	G	R	H	A	H	G	A	R	L	U	T	C	F	I	L	O	S	O	F	A	S
V	V	T	I	S	D	S	W	E	E	R	A	A	O	Y	W	A	C	O	E	S	A
X	C	U	E	A	A	E	T	C	N	I	A	S	E	J	N	S	R	H	E	E	H
B	O	E	O	O	C	B	S	E	H	O	A	Y	E	T	S	T	I	O	D	N	U
Y	A	U	N	H	L	E	I	S	C	S	T	E	A	N	F	U	T	T	A	I	H
H	W	G	H	U	T	O	D	A	A	A	N	S	H	L	N	T	O	T	N	E	H
N	B	T	A	T	O	E	G	E	S	S	R	T	L	P	A	A	R	O	N	S	H
A	I	W	H	C	T	D	R	A	M	A	T	U	R	G	A	S	A	D	C	I	O
I	T	N	W	N	H	F	A	W	S	D	L	R	T	U	E	U	S	H	S	N	H
D	S	T	T	A	E	A	C	C	L	R	A	T	A	H	K	C	O	N	H	T	O

CAPÍTULO



EDUCADAS PARA CASAR: o casamento e a casa em peças de Gil Vicente



§ Recatadas, obedientes e preñadas

Nos séculos finais da Idade Média, o discurso misógino se intensificou, reforçando que as mulheres na condição de esposas e mães deveriam ter seus papéis cada vez mais reservados aos deveres familiares, ou seja, ao cuidado da casa, marido e filhos (as). A casa era considerada um espaço feminino, no qual as esposas deviam saber conservar e governar. Aos maridos, no entanto, estavam reservadas as coisas de fora, o sustento do lar. Era também um espaço onde o marido deveria exercer controle sobre o comportamento da esposa. As tarefas da esposa dentro de casa eram variadas.

HISTORICIZANDO

Leia o que diz a historiadora Silvana Vecchio sobre a associação entre a esposa e a casa.

“[...] Boa esposa é aquela que está em casa e que da casa toma conta [...]. A casa apresenta-se portanto como o espaço da atividade feminina; atividade de administração dos bens e de regulamentação do trabalho doméstico confiado a servos e criadas, mas também atividade num trabalho desenvolvido diretamente: a dona de casa fia e tece, trata e limpa a casa, ocupa-se dos animais domésticos, assume os deveres de hospitalidade relativamente aos amigos do marido, além de, naturalmente, cuidar dos filhos e dos servos”.

VECCHIO, Silvana. A boa esposa. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org.) **História das Mulheres no Ocidente**: Idade Média, v.2, 1993, p. 169.

Leitura e compreensão do texto

1. Quais os papéis da esposa dentro da casa?
2. O que você acha da expressão “boa esposa é aquela que está em casa e que da casa toma conta” para os dias de hoje? Explique.
3. Na sua opinião, nos dias atuais ainda está reservada às mulheres as coisas de casa e aos homens as coisas de fora? Explique.



VOCÊ SABIA?

Ocupar as mulheres era uma forma de as controlar, de evitar que elas conhecessem para além do que deveriam conhecer. Por isso, se condenava o ócio feminino, considerado um momento propício para manifestação de pensamentos ilícitos por parte das mulheres.

Em suas peças, Gil Vicente indicava que, em Portugal do século XVI, a educação das meninas ocorria dentro de casa. Nesse espaço, a mãe ocupava um papel muito importante. Era ela quem ensinava as filhas a se comportar como futuras esposas e mães. Toda educação era voltada para o casamento. O próprio Gil Vicente reforçava o pensamento comum na época: casar era o destino de toda mulher, do qual não poderia e nem deveria fugir, considerando até mesmo perigoso uma moça ficar solteira, já que o casamento era um meio de manter a submissão feminina, sem a qual não poderia ser totalmente dominada.

A mãe era uma das principais responsáveis pelo comportamento que as filhas iriam desenvolver, principalmente quando casadas. Quem nunca ouviu falar o antigo ditado “tal mãe, tal filha”? Esse ditado revela tanto os comportamentos positivos quanto os negativos. Por isso, na Idade Média, a mãe precisava ser exemplo de conduta moral às filhas.

De acordo com Gil Vicente, uma mãe precisava ser casta, honesta, agradável, prudente, gentil, humilde, paciente, contrária à malícia e ao ciúme exagerado. Todas estas formas de proceder deviam ser repassadas às filhas. Para este autor, uma moça bem-educada, ou seja, preparada para assumir o papel de boa esposa, era aquela que aprendeu com sua mãe os fundamentos da fé cristã, a guardar sua virgindade e dedicar-se aos trabalhos domésticos. Nesse caso, a educação ideal das meninas se dava a partir da vigilância, proteção e preservação de sua honra, ou seja, da sua virgindade. A virgindade foi se tornando, ao longo da Idade Média, uma virtude necessária para concretização do casamento. Esse era o ideal, mas, na prática, isso nem sempre ocorria.

Para Gil Vicente, a prática de outras virtudes também era necessária para a educação de uma moça nos bons costumes: prudência, modéstia, devoção, obediência, castidade, discrição etc. Nessa época, também se exigia uma série de outras virtudes, consideradas importantes ao corpo e a alma femininas: pudor (vergonha), **sobriedade**, humildade, doçura, sabedoria etc., completavam o modelo exigido às mulheres nos mais diferentes estratos sociais. Esses valores eram bastante importantes na formação das moças.

1. Na sua opinião, as mães ainda hoje possuem uma maior preocupação com os valores tradicionais na educação das filhas? Explique.
2. Na sua opinião, os valores da virgindade feminina ainda assumem importância em nossa sociedade ou já foram ultrapassados? Explique.
3. Você considera que algumas das virtudes mencionadas no texto ainda são ensinadas às meninas? Sim, identifique no texto.



Sobriedade: uso moderado dos alimentos e da bebida.

DE OLHO NO DOCUMENTO

Algumas personagens femininas, criadas por Gil Vicente, se adequavam exatamente ao ideal de moça bem-educada que se exigia em sua época. Os dois trechos a seguir foram retirados de duas comédias do autor. O primeiro trecho é da *Comédia de Rubena*, em que a protagonista, Cismena, foi adotada por uma nobre rica que lhe educou dentro dos padrões idealizados para as moças que iriam casar. O segundo trecho é da *Comédia do Viúvo*. Nela não há a presença da mãe, apenas do pai, que, após a viuvez, ficou encarregado de educar as duas filhas: Paula e Mélicia. Se atente aos dois fragmentos a seguir para responder as questões.

FRAGMENTO 1

Comédia de Rubena (1521)

- 880 **Cismena** E assi como marfim
seja clara minha vida
e minha honra **luzida**¹
e como fino **robin**²
assi seja esclarecida.
(...)
- 922 Nam me **fio**³ de ninguém
Eu sou minha guardadeira
Que me guardarei muito bem.
(...)
- 985 Traze cá a almofadinha
e a seda e o **didal**
e um **coxim** e todo al
que está nessa **camarinha**
debaixo do meu **brial**.

¹ brilhante

² rubi

³ confio

⁴ vocês

⁵ tenham

⁶ aqui

⁷ portas

⁸ bem

⁹ fechadas

¹⁰ e não fiqueis desocupadas

¹¹ moças

¹² evitam

¹³ danosas

FRAGMENTO 2

Comédia do Viúvo (?)

- 713 **Viúvo** **Vosotras**⁴ **tened**⁵ cuidado
en lo de acá⁶
Estas **puertas**⁷ **bien**⁸ **cerradas**⁹
y no estéis ociosas¹⁰
en estrado
que las **mozas**¹¹ ocupadas
escusan¹² causas **dañosas**¹³
al cuidado.

VICENTE, Gil. *As Obras de Gil Vicente*, ed. de José Camões, v. 1, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002.

G

Didal (dedal): instrumento que protege o dedo médio que enfia a agulha.

Coxim: espécie de almofada.

Camarinha: pequena prateleira ao lado da sala.

Brial: vestido feminino de seda que cobria dos ombros até os pés.

Estrado: sobrado de madeira pouco erguido do chão.

Leitura e compreensão do texto

Leia os dois fragmentos da página anterior e responda as questões:

1. Que elementos que compunham o modelo de moça bem-educada você identificou nos dois fragmentos?
2. Com base no fragmento 1, explique os versos “eu sou minha guardadeira, que me guardei muito bem”.
3. Com base no fragmento 2, explique por que, para Gil Vicente, as moças tinham que estar ocupadas, quando estivessem sozinhas?



Iluminura do Casamento de D. João I e Filipa de Lencastre. *Chronique de France et d'Angleterre* (Jean Wavrin, século XV).



Explore um pouco mais!

Pesquise mais sobre o ideal de casamento cristão na Idade Média, como ele acontecia e quais os elementos mais importantes para sua concretização nessa época.

Uma moça recatada (prudente, modesta, honesta etc.), dentro ou fora da nobreza, tinha maiores facilidades de atender aos requisitos do futuro marido, que buscava encontrar, numa esposa virgem, ingenuidade e passividade. Por isso, para garantir o casamento a moça devia demonstrar nos gestos que sabia qual o era o seu papel social: pouco falar e sorrir, olhar para baixo, saber ouvir os homens falar, demonstrando com isso juízo e a boa educação que recebera. Gil Vicente deixou registrado ainda que andar em boas companhias também era um requisito para a moça manter-se honrada.

Na Idade Média, era comum o pensamento de que as mulheres deviam viver trancadas, e ficar o mais distante possível das portas e janelas, que eram consideradas locais perigosos. Na verdade, qualquer saída das mulheres, quer fosse para passear ou mesmo ir à Igreja, era considerada perigosa, já que se estava pondo em risco sua honra, caso entrassem em contato com homens. Por isso, nas encenações vicentinas, a moça ideal era aquela que se afastava do mundo exterior, evitando olhares mal-intencionados.

Mas, isso não quer dizer que as mulheres ficavam o tempo todo dentro de casa, trancadas. Inevitavelmente, as mulheres saíam, quer fossem para trabalhar, como camponesas e artesãs, ou para experimentar momentos de lazer, como as donzelas da nobreza, que, de maneira alguma, ficavam o tempo todo no **gineceu**, tecendo e fiando. Sendo assim, o contato com o mundo exterior era inevitável. As oportunidades de as mulheres escaparem ao controle masculino eram diversas. Em festas, na Igreja, no poço, no mercado e nos moinhos as mulheres podiam se encontrar e, até mesmo, conhecer rapazes.



Gineceu: espaço fechado e reservado às mulheres: damas, amas de leite e criadas.

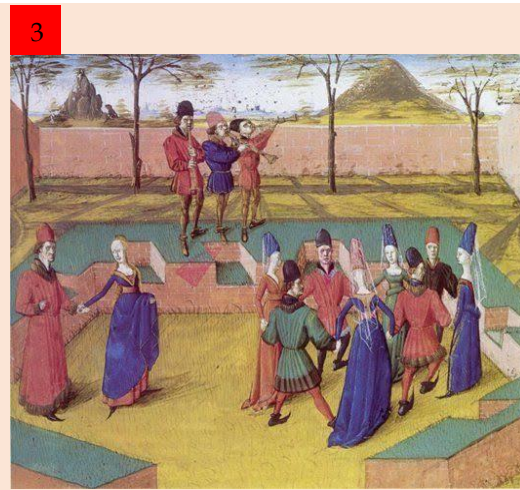
LENDO IMAGENS



1
Français: Diane Chasseresse: miniatura do Mestre do Epître d'Othéa de Cristina de Pisano, c. 1407-1409, Biblioteca Nacional da França.



2
Miniatura. Giovanni Boccaccio. Mulheres tocando música. *De Claris Mulieribus*. Séc. XV. Biblioteca Britânica.



3
Iluminura. *A dança de roda do pomar*. "O Romance da Rosa" de Guillaume de Lorris et Jean de Meung. (Paris, Biblioteca Nacional, 19153, fl. 7, v. 1460). Foto de archmagazine.com.



Preste atenção nas três imagens e responda as questões.

- Qual o elemento comum entre as imagens?
- Quais atividades as mulheres estão desempenhando nas imagens 1, 2 e 3?
- Qual os espaços em que as mulheres estão atuando nas imagens 1, 2 e 3?
- Qual a principal diferença da imagem 3 para as outras duas?



Prendas pra quê? As curiosas e audaciosas

Nem todas as mulheres medievais estavam conformadas com o confinamento dentro de casa, imposto pelos pais e pelo marido. A audácia das mulheres se dava nas mínimas coisas, como usar a janela para ter contato com o mundo lá fora. Da janela ocorriam os primeiros olhares, e depois os namoros. Serenatas eram feitas pelos galanteadores com a aprovação das moças.

Esses casos deviam ser tão comuns à época que algumas cenas da peça *Quem tem farelos?* (1515?) foram dedicadas ao tema dos galanteios de um faminto **escudeiro** a uma jovem e sonhadora moça da vila, que da janela apenas escutava e se divertia com a serenata do mal-intencionado Aires Rosado. Você já a conhecia essa peça?



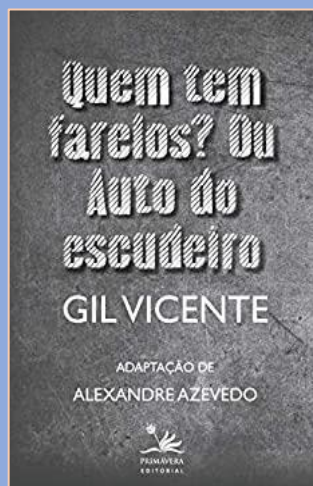
Escudeiro: título nobiliárquico dado a nobres da baixa nobreza que tinham escudos de armas, e eram companheiros dos cavaleiros.

Aprendendo com novas linguagens: LITERATURA



Quem tem farelos? Ou Auto do escudeiro

Organização e adaptação: Alexandre Azevedo, 2020, 51 páginas.



Resumo: Apariço e Ordonho, servidores de dois militares de baixa patente, encontram-se na rua e começam a conversar sobre a má sorte que têm em se verem forçados a servir os respectivos amos. Ambos procuram farelos pelas ruas, pois não têm melhor forma de ganhar o pão desse dia. Surge então Aires Rosado, o escudeiro a quem serve Apariço, e começa a declamar uma desajeitada serenata à janela de Isabel. Aires mente e exagera em algumas das declarações que faz e, ao longo do discurso, é frequentemente interrompido pelo barulho de cães, gatos e galos. Apariço escuta as palavras do amo e comenta à parte. Ao fim de algum tempo, a velha mãe de Isabel acorda e vem à janela rogar pragas ao escudeiro, que acaba por ir embora. No fim da peça Isabel e a mãe discutem abertamente, decretando a jovem que se recusa dedicar à tecelagem e costura e antes prefere tratar de si e ser cortejada.

VICENTE, Gil. *Quem tem farelos? Ou Auto do escudeiro*. Primavera editorial, 2020.

A farsa *Quem tem farelos?* foi representada ao rei D. Manuel I, nos paços da Ribeira. A intenção do autor era criticar a figura dos escudeiros, homens de baixa nobreza, que, diante das mudanças sociais aceleradas pela Expansão Marítima, estavam em decadência e viviam de aparência, dizendo possuir boas maneiras e frequentar a corte. Dessa forma, buscavam chamar atenção de moças como Isabel, que queriam ascender socialmente. Na peça, a personagem Isabel é uma moça inconformada com a vida que levava, marcada pelas tarefas domésticas. Tudo que sua mãe lhe ensinava era reprovado por ela, que não desejava casar com alguém que exercesse os mesmos ofícios que sua mãe tecedeira. No campo e nas cidades, o ofício que a mãe exercia era, geralmente, ensinado à filha, que ao casar devia contribuir com a renda familiar, ainda mais na pequena burguesia. Um homem de baixa condição social não tinha pretensão de sozinho sustentar sua esposa. Por isso, a tendência era procurar uma mulher que fosse prendada (artes culinárias e de costura), complementando assim a economia familiar.

De forma geral, as mulheres casavam com alguém de posição igual ou superior à sua. Isso ocorria porque, quando casadas, as mulheres assumiam a posição social do marido. E, no caso de mulheres da nobreza, era até mesmo vergonhoso para si e sua família casar-se com alguém de posição inferior à sua. Assim, era bem mais comum que uma nobre encontrasse um marido da mais alta posição social. As criadas de lavoura casavam com trabalhadores agrícolas, uma fiandeira casava com um tecelão etc. A importância dada à hierarquia ainda era grande em Portugal, tanto que Gil Vicente, já no século XVI, reforçava o discurso de que a condição social que cada um se encontrava era designada por Deus desde o nascimento, e, por isso, o melhor seria que ninguém procurasse sair dela.

A realidade, contudo, era totalmente diferente na época vivida por esse autor, marcada pela forte mobilidade social, ou seja, com a possibilidade de um indivíduo ascender de um estrato social para outro mais elevado. Isso já ocorria desde a Baixa Idade Média (XIV - XVI), quando a sociedade passou por inúmeras transformações de ordem política, econômica, cultural que foram mudando as estruturas sociais. Em Portugal, as grandes navegações levaram a aceleração da mobilidade social. A sociedade portuguesa do século XVI ainda era bastante agrária, mas, ao mesmo tempo, estava se tornando cada vez mais mercantil à medida que avançava a Expansão Marítima.

Então, naquela sociedade se tornava cada vez mais nítida as distinções sociais entre aqueles que moravam nos centros urbanos e pequenas vilas, e aqueles que viviam na Corte. Para Gil Vicente, a sociedade em que vivia se tornou cada vez mais decadente em seus valores, porque se importava mais com o ter do que com o ser. E, nesse quadro social de mudanças, o autor inseriu também as mulheres.

A jovem Isabel, por exemplo, não queria nem sequer aparentar ser filha de tecedeira. Queria, na verdade, que sua mãe lhe ofertasse uma educação diferente, que lhe ensinasse a passear, a como ser cortejada, a mostrar sua beleza etc. Para ela, nada adiantava saber tecer, fiar, usar uma agulha, porque nenhuma dessas prendas se adequava a vida que sonhava. Queria aparentar ser de uma posição social mais elevada. Na sua visão, ela só poderia chamar atenção de um homem da corte se tivesse uma educação de uma dama de corte: discreta, bem-vestida etc.



Será que mulheres com esse pensamento naquela época só existiam em obras de ficção? Mulheres espertas e audaciosas como Isabel certamente existiam na sociedade que Gil Vicente viveu. Em sua época, tornou-se cada vez mais comum a preocupação com a aparência e com os modos de se comportar diante de outras pessoas. Muitos consideravam que aparentar ter um comportamento civilizado (no falar, na forma de agir) era símbolo de status, um dos melhores meios de se chegar ao rei, conseguir espaço e um bom cargo na corte.

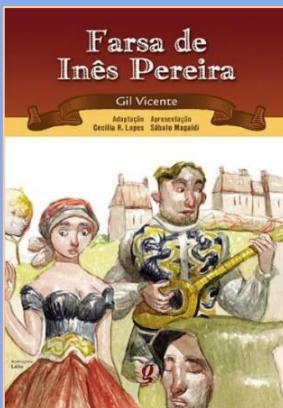
À procura de um fidalgo, que vivesse na corte, estava Inês, a personagem protagonista e mais realista de uma das mais famosas peças de Gil Vicente, chamada a *Farsa de Inês Pereira*. Você conhece esta peça? A *Farsa de Inês Pereira* foi representada ao rei D. João III, no Convento de Tomar. Inês era uma moça audaciosa, determinada e muito sonhadora. Não queria tornar-se prendada e questionava o padrão de boa esposa, que teria que assumir quando casada. Enxergava a mãe como uma figura autoritária, que apenas queria ocupá-la o tempo todo com os afazeres domésticos e limitá-la às mesmices do lar. Por isso, reagia contra as tarefas e conselhos que a mãe lhe dava.



Aprendendo com novas linguagens: LITERATURA

Farsa de Inês Pereira

Adaptação: Cecília Lopes; **Apresentação:** Sábato Magaldi, 2015, p. 80.



Resumo: A *Farsa de Inês Pereira*, considerada a peça mais divertida de Gil Vicente, foi apresentada pela primeira vez ao rei D. João III em 1523, no Convento de Tomar. Acusado de plagiar o dramaturgo espanhol Juan del Encina, pediu àqueles que o acusavam um tema para que pudesse provar sua capacidade criadora. Recebeu como desafio o ditado popular: “Mais vale asno que me leve que cavalo que me derrube”. A temática – o desejo de ascensão da pequena burguesia – está ligada à realidade vivida pela sociedade portuguesa da época. Os personagens-tipos sociais agem de acordo os seus interesses. “Queres casar por prazer/ no tempo de agora Inês? Antes casa, em que te pés,/ que não é tempo de escolher”. Nesta publicação da Global Editora, adaptada por Cecilia Reggiani Lopes e ilustrada por Lélis, o jovem leitor conhecerá o texto do criador do teatro português e sua riquíssima galeria de tipos humanos que, de uma certa forma, circulam na sociedade contemporânea.



DE OLHO NO DOCUMENTO!

O trecho abaixo foi retirado do início da *Farsa de Inês Pereira*. Preste atenção nas falas da personagem e no diálogo que estabelece com sua mãe para responder as questões.

FRAGMENTO 1

Farsa de Inês Pereira

3 **Inês** Renego deste **lavarar**¹
e do primeiro que o usou!
ao diabo que o eu dou
que **tam**² mau é **d'aturar**³.
Oh **Jesu**⁴ que enfadamento
e que raiva e que tormento
que cegueira e que canseira.
Eu hei de buscar maneira
dalgum⁵ outro **aviamento**⁶.
Coitada **assi**⁷ hei **d'estar**⁸
encerrada⁹ nesta casa
como panela sem asa
que sempre está num lugar.

(...)

19 **E assi hei d' estar cativa
em poder de desfiados**¹⁰.

Antes o darei ao Diabo
que lavarar mais nem pontada¹¹
já tenho a vida cansada
de jazer sempre dum cabo¹².
Todas folgam e eu não
todas vem e todas vão
onde querem **senam eu**¹³ (...).

FRAGMENTO 2

Farsa de Inês Pereira

Vem a Mãe da igreja e não na achando
lavrando diz:

39 **Mãe** Logo eu **adivinhei**¹⁴
lá na missa onde eu estava
como a minha Inês lavrava
a tarefa que lhe eu dei.
acaba esse travesseiro.
Ui **naceu-te**¹⁵ algum unheiro
ou cuidas que é dia santo?¹⁶

Inês Praza a Deus que algum **quebranto**¹⁷
me tire de cativoiro.

Mãe Toda tu estás aquela¹⁸.
(...)

50 **Inês** Prouvesse a Deos que já e **rezão**¹⁹
De nam estar tam **singela**²⁰.
Olhade lá o mau pesar²¹
Como queres tu casar
Com fama de preguiçosa?
Mas eu mãe sou **aguçosa**²²
E vós dai-vos de vagar²³.

VICENTE, Gil. *As Obras de Gil Vicente*, ed. de José Camões, v. 2, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002.

¹ costurar, bordar

² tão

³ aturar

⁴ Jesus

⁵ de algum

⁶ solução

⁷ assim

⁸ de estar

⁹ trancada

¹⁰ E assim ficarei presa aos trabalhos
com tecido desfiado/bordado?

¹¹ não irá coser nem mais um ponto

¹² permanecer sempre no mesmo

lugar

¹³ menos eu

¹⁴ adivinhei

¹⁵ nasceu-te

¹⁶ ou achas que é feriado?

¹⁷ que algum feitiço a

livrar-se daquela vida

¹⁹ razão

¹⁸ você está cheia de

coisas/fantasia

¹⁹ razão

²⁰ solteira

²¹ cuidado com o que

fala

²² ativa

²³ e vós sois lenta

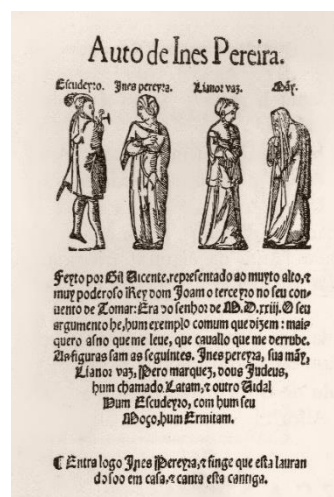
Leitura e compreensão do texto

Leia os dois fragmentos da página anterior e responda as questões:

1. Às filhas, as mães ensinavam a prática de tarefas domésticas, visando assim que se tornassem boas esposas. Inês, contudo, não estava conformada com as tarefas que a mãe a deixou fazendo enquanto foi para missa.
 - a) Com base nos dois fragmentos, qual a visão de Inês sobre as tarefas domésticas?
 - b) Quais as tarefas que a mãe de Inês lhe ordenou?
2. O que você entende pelos versos “Coitada assi hei d’estar/ encerrada nesta casa/ como panela sem asa/que sempre está num lugar”? De que forma eles se relacionam com a situação das mulheres na Idade Média.
3. As filhas deviam obediência às mães e tê-las como espelho de virtudes. Com base nisso, responda:
 - a) Inês seguia o exemplo de sua mãe?
 - b) Qual a relação de Inês e sua mãe?
 - c) Quais os conselhos que a mãe de Inês deu a sua filha? Relacione a personagem Mãe com o papel exigido às mães na Idade Média?
4. O que você achou da personagem Inês?

O casamento com alguém de posição social mais elevada é tido como a melhor forma de resistir às imposições maternas, as incansáveis tarefas domésticas, e ainda conseguir liberdade e ascensão social. Isso quer dizer que nem todas as mulheres casavam contra a sua vontade, ou se preocupavam em encontrar um homem que a amasse. Os interesses que estavam em jogo podiam ser outros, como a possibilidade de frequentar outros espaços, conhecer pessoas, ganhar prestígio e posição social.

Esse tipo de comportamento era reprovado por Gil Vicente, não apenas porque a ambição social tinha chegado nos baixos estratos da sociedade, como porque revelava a decadência dos costumes e do ideal de família, colocando em risco a doutrina religiosa e os valores que a Igreja defendia para a sociedade. Mas, a reprovação social não impedia as mulheres de baixa condição social de buscar melhores condições de vida, ainda que houvesse consequências, e mostrava o quanto a transgressão dos padrões era bastante comum naquela sociedade.



Frontispício da primeira versão da *Farsa de Inês Pereira*, de 1523.

Dialogando com ... LITERATURA

A Farsa de Inês Pereira está dividida em três fases que narram a história da personagem Inês. A primeira fase é a de suas fantasias de se casar com um homem de condição superior à sua, como forma de resistir à vida doméstica. A segunda fase, inicia quando se casa com o escudeiro Brás da Mata, que torna sua vida um cativo. Nesta fase, está totalmente desiludida e arrependida de suas escolhas. A terceira fase, ocorre a partir de sua viuvez. Inês torna-se vingativa e casa-se novamente, agora com Pero Marques, seu primeiro pretendente. Passa a traí-lo e viver a vida que sempre sonhou. Assim, o autor conseguiu comprovar o ditado popular em sua época que dizia: “Mais quero asno que me leve que cavalo que me derrube”. O asno era Pero Marques e o cavalo era Brás da Mata. Esse provérbio fazia parte do desafio feito a Gil Vicente por certos homens de bom saber que duvidavam que era ele mesmo que criava suas peças. Para mostrar sua capacidade criativa o autor aceitou o desafio. E criou uma das farsas mais realistas e interessantes sobre o cotidiano feminino em Portugal do século XVI.

Tarefa 1 Para compreender essa farsa, seu enredo, personagens e estrutura, leia atentamente toda a peça, adaptada por Alexandre Azevedo. Ela se encontra disponível no site: <http://bibliotecadigital.flavioresende.pt/index.php?page=13&id=35&db=>. Ou aponte para o QR Code



Tarefa 2 Formar grupos de três. Cada equipe ficará responsável por uma etapa da vida de Inês. Após a leitura, a equipe precisa produzir um texto dissertativo sobre a etapa que lhe correspondeu e apresentá-lo na turma.

1. A farsa, embora seja um gênero teatral, possui características diferentes das comédias e moralidades. Com base nisso, responda as questões.
 - a) Quais são os principais personagens dessa farsa?
 - b) Quem são os personagens criticados? E, porquê?
 - c) Qual é o espaço onde ocorre a peça?
2. Esta peça está cheia de muitos provérbios populares, identifique-os no texto e interprete-os.
3. Pesquise mais sobre o gênero teatral farsa e outras farsas de Gil Vicente.
4. A sociedade que Gil Vicente vivia passava por muitas mudanças em seus valores. Identifique nesta peça os versos que tratam sobre essas mudanças.
5. Se coloque no lugar de Inês na época em que Gil Vicente a encenou. Você tomaria atitudes diferentes? Quais? Porquê?
6. Que temas do cotidiano português conseguiu identificar?
7. A personagem Mãe dá vários conselhos à filha. Quais são eles?
8. De qual personagem você mais gostou. Por quê?



Mas, de que forma o casamento poderia proporcionar uma vida diferente às mulheres? O casamento, não era apenas de interesses das famílias, mas também poderia ser das próprias mulheres. Casada, as responsabilidades aumentavam, mas uma senhora nobre tinha papéis diferentes daquelas de menor condição social. Na nobreza, uma senhora exercia poder sobre seus subordinados. Os bens materiais provenientes do dote lhe davam poderes econômicos. Também podiam administrar os seus bens e terras.

VOCE
SABIA?

Nas leis irlandesas, durante a Alta Idade Média (VIII-X), a maior ou menor liberdade da esposa dentro do casamento dependia de sua posição social. Se fossem tão abastadas quanto o marido, as esposas eram consideradas iguais, podendo ser livres para tomar decisões, caso contrário seus direitos diminuíaam. Mas, se sua posição fosse superior à do marido, ela se tornava a chefe da família, sendo o marido dominado por sua esposa.

Para aquelas que desejavam casar, o casamento podia significar muito mais do que a formação de uma família e a continuação da linhagem. O casamento podia trazer poder à mulher, ainda mais se esta ocupasse o papel de uma rainha. Quando o rei se ausentava, ficava doente ou falecia, a rainha podia exercer o seu poder de influência.



Explore um
pouco mais!

Pesquise sobre o Tratado de Salvaterra de Magos, a “Revolução de Avis” e seus principais personagens, bem como sobre o cronista Fernão Lopes.

Mulheres fazendo História



Autor anônimo. *Dona Leonor Telles de Menezes*. Séc. XV.

Rainha Leonor Teles de Meneses (1350-1405) foi uma rainha portuguesa (1372-1383) que disputou intensamente pela regência do trono português, após a morte de seu marido D. Fernando I. O direito de regência de Leonor Teles era legitimado pelo Tratado de Salvaterra de Magos. Contudo, nesse contexto de conflitos e disputas pelo trono português, que ficou conhecido como “Revolução de Avis”, a sua imagem foi construída de forma bastante negativa pelo cronista Fernão Lopes. Apesar dela não ter conseguido assumir a regência, como tinha direito, a sua imagem deve ser conhecida enquanto resistente e corajosa, e não como ambiciosa e traidora, como fez Fernão Lopes.

Contudo, nobres ou não, para a maioria das mulheres medievais, o casamento não garantia uma vida de liberdade melhor ou maior do que quando solteiras. Muito pelo contrário. Se solteiras estavam sobre o controle dos pais, e, principalmente, das mães, quando casadas o controle passava para o marido, para o qual deveriam ser além de companheiras, esposas submissas. Mas, nem todas aceitavam essa submissão.

Gil Vicente tinha valores bastante conservadores. E, ainda que na época que viveu tenha registrado a possibilidade de uma mulher escolher com quem casar, se mostrava contrário àquelas que queriam fazer suas próprias escolhas, ao invés de obedecer aos conselhos de seus progenitores. Na *Farsa de Inês Pereira*, a mãe dá conselhos à filha para que se case com alguém da mesma condição social que a sua, que poderia sustentá-la e honrar não apenas ela como a família. Este homem ideal seria Pero Marques, o personagem trabalhador e rico que foi apresentado à Inês pela casamenteira Leonor Vaz. Porém, Inês era decidida em suas escolhas e queria um marido que atendesse às suas expectativas: galante, tocador de viola, discreto em falar, um típico habitante da corte.



Mas, até que ponto as mulheres poderiam escolher seu parceiro? A livre escolha das mulheres sobre com quem casar era praticamente limitada, mas também dependia de sua posição social e do contexto medieval. A partir do século XII, a Igreja instituiu que o casamento deveria ocorrer por consentimento mútuo, ou seja, os noivos teriam a escolha de consentir sobre a decisão dos pais. Mas, na realidade isso nem sempre acontecia.

Na nobreza, dominava os interesses políticos. Por isso, não era bem visto que uma filha discordasse do acordo feito por seus pais. A exceção ocorria nas camadas mais baixas, em que a escolha dos pais não era tão autoritária. Na burguesia urbana, o fato das mulheres casarem bem mais tarde do que as nobres fazia com que tivessem certa liberdade para escolher com quem casar.

Aquelas que não aceitavam a decisão dos pais, e queriam casar com outro rapaz podiam ser deserdadas ou ficavam sem o dote. Quanto àquelas que casavam contra sua vontade e tentavam anular o casamento eram vistas como ingratas, e só raramente conseguiam ter suas vontades levadas a sério.

1. Que tipo de relação prevalecia entre marido e esposa, na Idade Média?
2. Qual a visão de Gil Vicente em relação àquelas que faziam suas próprias escolhas?
3. É possível dizer que as mulheres eram independentes para escolher com quem casar, na Idade Média? Explique.

Dialogando com ... ARTES

Esses quadrinhos da *Farsa de Inês Pereira* foram adaptados por Mariangela Bittencourt. São apenas duas cenas inspiradoras.



1. Com a leitura feita da peça, faça uma releitura em quadrinhos das cenas que você mais gostou. Seja criativo, e acrescente elementos mais atuais às falas dos (das) personagens.

2. Após a criação de seus quadrinhos, apresente aos colegas de turma. Para que todos vejam sua arte, cole no mural da escola.



Pra quê casar? As que resistiam ao casamento



Mas, quanto àquelas que não queriam casar? Para grande parte das mulheres a escolha dos pais era definitiva. E, por mais que não desejassem o pretendente que escolheram para ela, eram às vezes forçadas a aceitar a decisão paterna, ainda mais na nobreza. Sua vida não era independente, mas ainda assim encontravam manobras para escapar ao domínio masculino. Algumas, de origem mais abastada, encontravam no convento uma forma de resistir a um casamento arranjado.

Mulheres fazendo História



Autor desconhecido. Inês de Boêmia. Século XIII.

Inês de Praga ou de Boêmia (1205-) foi uma princesa, filha do rei Premislau I, rei da Boêmia, e da rainha Constancia, da Hungria. Como princesa, a família desde cedo se preocupou com seu futuro matrimonial. Mas, Inês não queria seguir os projetos da família, e sua educação desde cedo em um convento a levou a dedicar-se aos assuntos da fé e manter-se virgem. Depois de tantas alianças de casamento, Inês manteve-se firme em seu voto de castidade. Pediu até mesmo a intervenção do Papa Gregório IX ao seu favor. Com a proteção concedida, Inês conseguiu seguir a vida religiosa que escolheu. Começou a seguir os ideais franciscanos de pobreza e caridade. E, por fim, tornou-se abadessa.

Embora a resistência ao casamento não fosse bem vista socialmente na Idade Média, acontecia com maior frequência do que se costuma imaginar. Aquelas que recorriam aos conventos e mosteiros conseguiram maior liberdade, que a vida matrimonial muitas vezes lhes impossibilitava. Do casamento escaparam inúmeras mulheres na Idade Média, que conseguiram exercer poder e ocupar cargos elevados, como o de abadessa. Temos, como exemplo, Clara de Assis (1154-1253), sua irmã Inês de Assis (1197-1253), a princesa Isabel de França (1225-1270) e ainda Catarina de Siena (1347-1380). Todas essas mulheres foram canonizadas pela vida de devoção que levavam.

Nas peças de Gil Vicente, o autor desenvolve o tema do não consentimento por parte das moças em se casar contra sua vontade. A mais famosa de suas personagens é Cassandra, do *Auto da Sibila Cassandra*. Você já tinha ouvido falar sobre ela?

Aprendendo com novas linguagens: LITERATURA



GIL VICENTE, *Auto da Sibila Cassandra*. Sesi-SP, editora, 2017.

Esta obra narra a história da peça *Auto da Sibila Cassandra*, e foi traduzida para o português pelos professores Orna Lewin e Alexandre Carneiro, da Unicamp. Conta com notas dos autores e com a apresentação de Cleonice Berardinelli, uma das maiores especialistas sobre Gil Vicente e sua obra no Brasil.

Esta peça de moralidade foi representada à rainha D. Leonor, em sua homenagem, durante as festividades do Natal. Cassandra é a protagonista da peça, que se opõe ao casamento com o personagem bíblico Salomão, arranjado pelas suas tias, Eruteia, Peresica e Siméria. Mas, nada e ninguém consegue convencer a moça a se casar. A sua principal forma de resistir às insistências de todos (as) a casar contra sua vontade é afirmar que se manteria virgem, porque acreditava que dela nasceria o Messias. É claro que na realidade isso não aconteceria. Não devemos esquecer que a intenção do autor nesta peça é tratar sobre o Natal.



Mas, você sabia que o voto de castidade era o meio mais comum de uma moça se colocar contra a vontade dos pais?

Mulheres fazendo História



Autor desconhecido. Saltério de St. Alban. c. 1120-1145.

Cristina de Markyate (1100-1155), proveniente de uma rica família de comerciantes, foi uma devota e recatada mulher, educada nos preceitos da religião e para casar. Mas, Cristina não queria casar e, como forma de resistir às vontades dos pais, fez um voto de castidade. Mesmo sendo obrigada a consentir o casamento, Cristina não consumou o ato com seu marido. Ao invés disso, fugiu e foi abrigada por um eremita, Roger da abadia de St. Alban, onde mais tarde tornou-se priora. Era ela quem aconselhava o abade Geoffrey de Gorham nas decisões que deveria tomar. A *Vida de Cristina de Markyate* narra a história dessa santa, que conseguiu não apenas resistir ao casamento, mas também a alguns ataques de violência sexual.

Isso quer dizer que, nesta época, nem todas que guardavam a virgindade e sabiam de sua importância, queriam se desfazer dela casando-se. A vida conjugal não era para todas um mar de rosas e as mulheres sabiam disso. Após a consumação do casamento, tornavam-se posse do marido, que passavam a ter direitos sobre ela.

Na voz de Cassandra, Gil Vicente apresentava os principais motivos que levavam uma moça de sua época a não consentir casar-se. O primeiro e principal deles era a falta de liberdade, já que casada a mulher tinha como dever ceder às vontades do marido. Por isso, o casamento poderia se transformar num verdadeiro cativeiro para a esposa, que estava muitas vezes fadada a infelicidade de um casamento sem amor. Isso não quer dizer que na Idade Média não existisse felicidade dentro do casamento, mas sim que não se dava tanta importância ao amor entre marido e sua esposa.

Na Idade Média, ao se casar, o ideal era a esposa viver em função do marido e dos filhos, o que poderia significar, para muitas, uma vida cansativa, abatida e subjugada. Tudo isso poderia ser comprovado na vida cotidiana. As vizinhas reclamavam dos maridos exigentes, que mudavam radicalmente após o casamento, usando mesmo de violência, caso discordassem do comportamento de suas esposas. Ser uma esposa dentro dos padrões não era um critério de sua maior ou menor valorização por parte do marido.

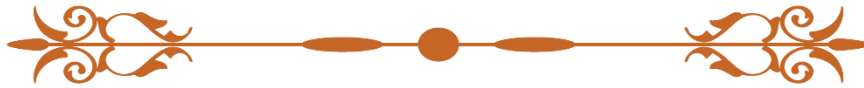
Inês, da *Farsa de Inês Pereira*, viu na prática seu marido Brás da Mata se transformar em um homem controlador e abusivo. Ele não apenas limitou sua liberdade de falar e cantar, como exigiu que fosse uma esposa submissa. Casada, Inês viu sua vida se transformar em um cativeiro: foi proibida de ir à Igreja e até mesmo de estar à janela. Os relatos de Gil Vicente nessas peças revelam o porquê nem todas as mulheres enxergavam o casamento enquanto destino e o porquê resistiam casar. É claro que nem todas as esposas dessa época sofriam violência, mas era uma realidade nos lares medievais, como ainda é hoje em nossa sociedade, não é mesmo?

Tão perto de você!

A violência contra as mulheres é um fenômeno que tem se tornado cada vez mais recorrente em nosso país, principalmente nos lares brasileiros. Certamente, você já deve ter ouvido ou até mesmo vivenciado este tipo de violência. Muitas vezes, são os próprios parceiros os principais agressores. Esta triste realidade tem piorado ainda mais com o crescente número de casos de feminicídio, que não deixam de aumentar. Mas, você sabia que esse tipo de violência acontece por conta do machismo? Aquele que comete a violência desvaloriza a mulher por considerá-la inferior a ele ou, na maioria das vezes, a ver como sua posse. Mas, é possível mudar essa realidade! Entender que as mulheres são sujeitos com os mesmos direitos que os homens é o primeiro passo para pensarmos e agirmos de forma diferente. Você sabe identificar os tipos de violência contra as mulheres? Quais são eles? De que forma se manifestam? Se informe mais sobre este tipo de violência. E, jamais, naturalize a violência contra as mulheres. Seja a diferença em sua comunidade!

Momento de reflexão!

1. O ideal de casamento cristão foi se tornando cada vez mais importante com o final da Idade Média. Às esposas, se exigia mais e mais um comportamento passivo diante de seu marido, muito embora nem todas assim se comportassem. O próprio Gil Vicente tratou sobre esse tema, realçando situações cotidianas que se distanciavam do que a Igreja pretendia com o casamento. Com base nisso, responda as questões.
 - a) Qual a visão de Gil Vicente em relação ao casamento?
 - b) Na concepção de Gil Vicente, que atributos uma moça em idade de casar precisava ter para tornar-se boa esposa?
 - c) Era possível o casamento satisfazer as ambições sociais das mulheres? Explique.
2. A casa na Idade Média era um espaço de bastante importância para a formação das mulheres em boas filhas, mães e esposas. Em casa, as mulheres não viviam apenas protegidas, mas controladas. Por isso, dentro de casa não apenas se ocupava o tempo com tarefas domésticas, mas também planejando como sair e como escapar. Com base nisso e na leitura do capítulo, explique quais os tipos de percepções sobre a casa Gil Vicente apresentou em suas peças?
3. As personagens Inês Pereira e Isabel foram criadas num contexto em que Portugal passava por algumas transformações sociais. Uma delas levou a constante busca por uma vida melhor na corte. Com base no capítulo, o que é possível aprender sobre as mulheres dessa época a partir destas personagens?
4. Inês e Isabel são personagens audaciosas que resistiam ao padrão ideal exigido às mulheres na época. Com base nisso, marque a alternativa correta.
 - a) Gil Vicente defendia que as mulheres deviam ser livres da submissão masculina.
 - b) Ao criar estas personagens, Gil Vicente queria mostrar que todas as mulheres da pequena burguesia eram ambiciosas.
 - c) Gil Vicente registrou a insatisfação e transgressão feminina aos padrões de moças e esposas virtuosas.
 - d) Estas personagens eram apenas criações fictícias, que de nada ajudam a compreender o cotidiano das mulheres na sociedade vivida pelo autor.



Fim de cena!!!

Caro estudante,

Ao longo desse material, lhe apresentamos Gil Vicente, o contexto em que viveu, suas visões de mundo e como as personagens femininas foram representadas em suas peças. Você conheceu um pouco mais sobre as mulheres medievais, seus papéis sociais dentro da família, a influência do casamento, suas atividades profissionais e intelectuais. Esperamos que conhecer sobre as mulheres medievais, a partir de uma obra de literatura, tenha lhe despertado ainda mais o interesse pela História.

Por fim, esperamos que este estudo tenha despertado em você um novo olhar sobre a atuação das mulheres na História, sua importância no desenvolvimento das sociedades e o quanto, a depender do contexto em que viveram, conseguiram agir, transgredir e resistir aos padrões impostos naquela sociedade misógina.

Que o conhecimento sobre algumas táticas de resistência femininas à misoginia medieval lhe permita refletir sobre os vários preconceitos de gênero a que as mulheres continuam sendo sujeitas por serem mulheres. Resistir é preciso!

Referências

Fonte:

VICENTE, Gil. **As Obras de Gil Vicente**. Dir. José Camões. Lisboa: INCM, 2002. V. I e II.

Bibliografia:

BARROS, José D'Assunção. **Fontes históricas**: introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

BERARDINELLI, Cleonice (org.) **Gil Vicente**: autos: organização, apresentação e ensaios- Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

BERNARDES, José Augusto Cardoso; CAMÕES, José (coord.). **Gil Vicente**: Compêndio, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2018.

CAMELO, Júlia Constança Pereira. **O Cordel e o Migrante nordestino**: companheiros de viagem. – São Luís,: Café & Lápis; Editora UEMA, 2014.

CRUZ, Maria Leonor García da. **Gil Vicente e a sociedade portuguesa de Quinhentos**: Leitura Crítica num Mundo de “Cara Atrás” (As personagens e o palco de sua acção). 1ª ed. Lisboa: Gradiva, 1990.

DUBY, Georges. **História da vida privada, 2**: da Europa feudal à Renascença. – São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org.) **História das Mulheres no Ocidente**: Idade Média. 476ª ed. v. 2, 1993.

FERREIRA, Antônio Celso. Literatura: a fonte fecunda. In: PINSK, Carla Bassanezi. DE LUCA, Tânia Regina (org.) **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2012.

FARGE, Arlette; DAVIS, Natalie Zemon (org.). **História das Mulheres no Ocidente**: do Renascimento à Idade Moderna. 507ª ed. v. 3. Porto: Edições Afrontamento, 1994.

LE GOFF, Jacques. **Homens e mulheres da Idade Média**. – São Paulo: Estação Liberdade, 2013.

LÉON, Vick. **Mulheres audaciosas da Idade Média**. – Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 1998.

- MACEDO, José Rivair. *A mulher na Idade Média*. – São Paulo: Contexto, 2002.
- OLIVEIRA, Ana Rodrigues; OLIVEIRA, António Resende de. *A mulher*. In: MATTOSO, José (org.). **História da vida privada em Portugal: a Idade Média**. Portugal: Círculo dos leitores, 2016, p. 324-347.
- PESAVANTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. – 2 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- PINSKY, Carla Bassanezi. *Gênero*. In: PINSKY, Bassanezi (org.). **Novos temas nas aulas de História**. São Paulo: contexto, 2020.
- SILVA, Carolina Gual da. **“Até que a morte os separe”**: o casamento cristão na Idade Média. – São Leopoldo: Oikos, 2019.
- SILVA, Julia Maria Sousa Alves da. **A mulher em Gil Vicente**. Coleção Humanidades, 24, ed. APPACDM. Braga: Portugal, 1995.
- SCOTT, Joan Wallach. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". Revisão de Tomaz Tadeu da Silva. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul. /dez. 1995, pp. 71-99. Disponível em:<<http://www.direito.mppr.mp.br> > arquivos>file>. Acesso em: 07 de dez. 2015.
- TEYSSIER, Paul. **Gil Vicente: O Autor e a Obra**. 1ª ed. v. 67, Lisboa: Biblioteca Breve, 1982.

